



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Escola Politécnica
Curso de Especialização em Engenharia Urbana

Mario Elian

OS ELEMENTOS SIMBÓLICOS DA CIDADE E A PSICOLOGIA
DE CARL GUSTAV JUNG

Rio de Janeiro
2012

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Escola Politécnica
Curso de Especialização em Engenharia Urbana

Mario Elian

OS ELEMENTOS SIMBÓLICOS DA CIDADE E A PSICOLOGIA DE CARL GUSTAV JUNG

Monografia de Conclusão no Curso de Especialização em Engenharia Urbana, Escola Politécnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Engenharia Urbana.

Orientador: Prof. Camilo Michalka Jr., Dr. Ing., UFRJ.

Rio de Janeiro
2012

Elían, Mario.

Os elementos simbólicos da cidade e a psicologia de
Carl Gustav Jung / Mario Elían. — 2012.

69 f.: 7:il, 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em
Engenharia Urbana) — Universidade Federal do Rio de
Janeiro, Escola Politécnica, Rio de Janeiro, 2012.

Orientador: Camilo Michalka Jr.

1. Assunto. 2. Assunto. 3. Assunto. 4. Assunto. I.
Michalka Jr., Camilo. II. Universidade Federal do Rio de
Janeiro. Escola Politécnica. III. Título.



OS ELEMENTOS SIMBÓLICOS DA CIDADE E A PSICOLOGIA DE CARL GUSTAV JUNG

Mario Elian

Monografia de Conclusão no Curso de Especialização em Engenharia Urbana, Escola Politécnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Engenharia Urbana.

Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 2012.

Aprovada por:

Professor Orientador, Camilo Michalka Jr., Dr. Ing., UFRJ.

Coordenadora, Professora Rosane Martins Alves, D. Sc., UFRJ

DECLARAÇÃO

A Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola Politécnica, representada neste documento pela Sr^a. Rosane Martins Alves, autoriza a divulgação de informações e dados coletados em sua organização, na elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado: **OS ELEMENTOS SIMBÓLICOS DA CIDADE E A PSICOLOGIA DE CARL GUSTAV JUNG**, realizada pelo aluno **Mario Elian** do Curso de Especialização em Engenharia Urbana, da Escola Politécnica, com objetivos de publicação e/ou divulgação em veículos acadêmicos.

Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 2012.

Rosane Martins Alves

TERMO DE COMPROMISSO

O aluno **Mario Elian**, do Curso de Especialização em Engenharia Urbana, realizado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Escola Politécnica (POLI), no período de maio de 2009 a dezembro de 2010, declara que o conteúdo desta monografia é autêntico e de autoria exclusiva.

Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 2012.

Mario Elian

À minha esposa Vera, alegre e incansável companheira de todas as pesquisas.

Ao Professor Camilo Michalka Jr., meu orientador, um baluarte e um pioneiro na necessária e premente introdução da Abordagem Sistêmica na Universidade.

É bastante provável que na história do pensamento humano os desenvolvimentos mais fecundos ocorram não raro naqueles pontos para onde convergem duas linhas diversas de pensamentos.

(Werner Heisenberg, 1901-1976).

Essas linhas talvez possuam raízes em segmentos bastante distintos da cultura humana, em tempos diversos, em diferentes ambientes culturais, ou em tradições religiosas distintas. “Dessa forma, se realmente chegam a um ponto de encontro, isto é, se chegam a se relacionar mutuamente, de tal forma, que se verifique uma interação real, podemos esperar novos e interessantes desenvolvimentos a partir dessa convergência.

(Capra, 2008).

Quando algo é conduzido à unidade, a beleza encontra-se ali, pois ela se difunde por cada uma de suas partes individualmente e pelo conjunto.

(Plotino, 205-270 d.C.).

RESUMO

O físico brasileiro Mario Schenberg afirmava que existia uma relação entre a filosofia da Teoria Quântica e a Psicologia de Carl Gustav Jung, especialmente no que tange ao problema dos arquétipos que influíram no pensamento de Wolfgang Pauli e Werner Heisenberg, ganhadores do prêmio Nobel de física. A atenção do físico W. Pauli já tinha sido despertada, em seus estudos sobre a física quântica para o modo como o processo de observação interfere no objeto estudado, isto é, que o observador não pode ser separado do objeto que está sendo observado. No processo do desenvolvimento científico, W. Pauli identifica o papel desempenhado pelos arquétipos descritos por C.G.Jung em sua psicologia, bem como uma base subjacente à polaridade física-psicologia que permite romper a separação entre o mundo físico e o psíquico. C. G. Jung que manteve com W. Pauli uma parceria de 25 anos pesquisando esse tema, afirmava por sua vez que o arquétipo central do inconsciente coletivo de toda a humanidade, Self (Si mesmo), se expressava em toda a cultura humana, inclusive na origem dos traçados das cidades. O presente trabalho tem como objetivo geral contribuir na divulgação das analogias identificadas por W. Pauli e C. G. Jung entre psicologia e física. Como objetivo específico busca trazer exemplos de como as cidades no transcurso da história, foram marcadas, na origem de seus traçados e desenvolvimentos, pelo arquétipo central do inconsciente coletivo, segundo C. G. Jung. São feitos estudos bibliográficos e a apresentação de conceitos fundamentais da psicologia Jungiana e as analogias entre física e psicologia. Verifica-se que a mandala, símbolo que expressa o inconsciente coletivo, está presente em todas as manifestações culturais, da humanidade, da origem das formas das cidades e na natureza. Conclui-se que uma abordagem sistêmica é urgente necessária porque as soluções técnicas empregadas no planejamento das cidades, nos países em desenvolvimento, raramente tem o cidadão com escopo principal. Se o fenômeno humano for considerado indissociável do fenômeno urbano nos pequenos municípios, onde muita coisa ainda pode ser feita, ordem e harmonia estarão presentes na elaboração do plano Diretor. Recomenda-se um aprofundamento na pesquisa dos temas abordados, pelo estudo do livro escrito por W. Pauli e C. G. Jung “A natureza da psique”, e pelas correspondências entre os filósofos William James e Henri Bergson.

Palavras-chave: Física Quântica, Psicologia, Arquétipo, Mandala, Cidades, Origem das Cidades, Forma das Cidades, Fenômeno Humano, Fenômeno Urbano.

ABSTRACT

The Brazilian physicist Mario Schenberg stated that there was a relationship between the philosophy of quantum theory and the psychology of Carl Gustav Jung, especially regarding the issue of archetypes that have influenced the thinking of Wolfgang Pauli and Werner Heisenberg, Nobel Prize winners in physics. The attention of the physicist W. Pauli had been awakened in his studies of quantum physics to how the process of observation affects the object studied, i.e., the observer cannot be separated from the object being observed. W. Pauli identifies the role of the constructs described by C. G. Jung in his psychology in the process of scientific development and a basis for integrating physics and psychology that allow to break the separation between the physical world and the psychic. C. G. Jung, who held with W. Pauli a partnership 25 years researching this topic, asserted in turn that the central archetype of the collective unconscious of all humanity, Self (Himself), was expressed in all human culture, including the origin of the traces of the cities. This paper aims to contribute to the dissemination of general analogies identified by W. Pauli and C. G. Jung between psychology and physics. The goal is to bring specific examples of how cities in the course of history have been marked by the origin of their form and developments by the central archetype of the collective unconscious, according to C. G. Jung. Bibliographical studies are done, the presentation of the basic concepts of Jungian psychology and the analogies between physics and psychology. It appears that the mandala, a symbol that expresses the collective unconscious, is present in all cultural manifestations of humanity, the origin of the forms of cities and nature. It is concluded that a systemic approach is urgently needed because the technical solutions employed in the planning of cities in developing countries rarely have the citizen as a primary goal. If the human phenomenon is considered inseparable from urban phenomenon in small municipalities, where much can still be done, order and harmony will be present in the preparation of the planning of the city ("Plano Diretor"). It is recommended that a deepening of the topics covered in this survey may be done by the study of the book written by W. Pauli and C. G. Jung "The nature of the psyche", and the correspondence between philosophers William James and Henri Bergson

Keywords: Quantum Physics, Psychology, Archetype, Mandala, City, City Origin, City Shape, Human Phenomenon, Urban Phenomenon.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – As camadas do inconsciente segundo Jung	20
Figura 2 – Demonstração do campo magnético.....	21
Figura 3 – Diagrama da psique	24
Figura 4 – Hércules vence o touro	29
Figura 5 – Hércules vence, domestica e ensina o javali	29
Figura 6 – Pintura: São João de El Grego	30
Figura 7 – Representação da psique	33
Figura 8 – Os labirintos de Jung.....	39
Figura 9 – A dualidade da matéria: partículas e onda.	44
Figura 10 – O experimento da dupla fenda	45
Figura 11 – O Sistema Solar	47
Figura 12 e Figura 13 – Esquemas: átomo e esfera celeste	48
Figura 14 - A célula e seu núcleo	48
Figura 15 – O óvulo humano	48
Figura 16 - Mandala de areia tibetana: Kalachakra	50
Figura 17 - Mandala Tibetana: Muhakala Yantra	50
Figura 18, Figura 19 e Figura 20 - Imagens arquetípicas	51
Figura 21 - As funções da consciência e suas polaridades Yin-Yang,	52
Figura 22- O brasão de Niels Bohr	52
Figura 23 - Representação gráfica do Yin-Yang	53

Figura 24 - Capa do livro: O Tao da Física.	53
Figura 25 - Diagrama de uma Margarida.....	54
Figura 26 - Centro de diatomácea aumentado duas mil vezes	54
Figura 27 - Padrão das Sementes de Girasol	54
Figura 28 - Padrão de Mandala criado em liquido por vibrações harmônica.....	55
Figura 29 - Ponta de agulha de platina aumentada 750 mil vezes.....	55
Figura 30 - Padrão de Mandala de uma Flor de Cardo.....	55
Figura 31 - Diagrama de Flocos de Neve	56
Figura 32 - A aldeia dos Bororos segundo C. Levi-Straus.	56
Figura 33 - O Agrimensor Romano em seu trabalho (.....	57
Figura 34 - Relevo: instrumentos do agrimensor romano	57
Figura 35 - Projeto de Brasília e da Barra da Tijuca.....	57
Figura 36 - Habitações Pré-históricas.....	62
Figura 37 - Monumentos Pré-históricos.	63
Figura 38 - Planta urbanística de Washington.	65
Figura 39 - Paris, França	65
Figura 40 - Palmanova, Itália	66
Figura 41 - Planta Urbanística de Goiânia, Brasil	66
Figura 42- Cidade de Erechim, RS, Brasil	67
Figura 43 - Planta Urbanística de Belo Horizonte, Brasil	67
Figura 44 - A Cidade Jardim de Ebenezer Howard	67
Figura 45 - Pirâmide Pré-Colombiana El Tajin	68
Figura 46 - Catedral de Brasília, Oscar Niemeyer	68
Figura 47 - Stupa Budista, Java	68
Figura 48 - O Capitólio, Roma de Michelangelo.	69

Figura 49 - Esquema cidade rural, Ohio, USA	69
Figura 50 - Projeto Urbanístico do Regent's Park.....	70
Figura 51 - Cidade experimental, Alvar Aalto).....	70

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	ALGUNS CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA PSICOLOGIA JUNGUIANA	19
2.1	Arquétipos	19
2.2	A Persona	23
2.3	A Anima e o Animus.....	25
2.4	A Sombra	26
2.5	O Self (o Si Mesmo)	32
2.6	O Processo de Individualização	35
3	PSICOLOGIA E FÍSICA	40
3.1	A Relação.....	40
3.2	Werner Heisenberg: uma Conexão com o Self	40
3.3	Wolfgang Pauli e Carl Gustav Jung.....	43
4	MANDALA, O SÍMBOLO UNIVERSAL DO SELF E SUA INFLUÊNCIA NA ORIGEM DA FORMA NAS CIDADES.....	47
4.1	A Importância do Esférico	47
4.2	O Círculo e a Mandala	49
4.3	A Mandala e a Cidade.....	51
4.4	A Origem das Cidades e o Inconsciente Coletivo	51
4.5	O Homem Moderno e a Cidade	61
5	DESORDEM E HARMONIA NA CIDADE	72
6	CONCLUSÃO	75
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	79

1 INTRODUÇÃO

O físico brasileiro Mario Schenberg já afirmava em 1984 que existia uma relação entre a filosofia da Teoria Quântica e a Psicologia Junguiana, especialmente no que tange ao problema dos arquétipos que fortemente influíram no pensamento de Wolfgang Pauli e Werner Heisenberg, prêmios Nobel de física, e, outros grandes físicos quânticos.

A atenção de W. Pauli já tinha sido despertada, em seus estudos sobre a física quântica, para o modo como o processo de observação interfere no objeto estudado, e isso, posteriormente levou-o a pensar se poderia haver alguma influência mais profunda da subjetividade no mundo físico.

W. Pauli identifica o papel desempenhado pelos arquétipos descritos por C. G. Jung no processo de desenvolvimento científico e uma base à polaridade física-psicologia que permitem romper a separação entre o mundo material e o psíquico.

C. G. Jung, que manteve uma correspondência com W. Pauli por 25 anos, afirmava por sua vez, que o arquétipo central do inconsciente coletivo de toda a humanidade, o Self (o Si Mesmo), se expressava na origem dos traçados das cidades em toda sua história.

O objetivo geral desta monografia é contribuir na divulgação das analogias identificadas por esses homens da ciência entre psicologia e física. O específico é trazer exemplos, de como cidades, no transcurso da história, foram marcadas, na origem de seus traçados ou desenvolvimento, pelo arquétipo central do inconsciente coletivo, segundo Jung.

O estado de inconsciência da humanidade, a respeito de si mesma, e de cada um de nós como indivíduos que a constituem, é de tal extensão e profundidade, que poderá levar, como sabemos, à sua autodestruição.

Colaborar na divulgação das analogias entre a estrutura da matéria e da psique do homem, apontadas pela psicologia Junguiana, e pela física quântica, por menor e mais modesta que seja, é hoje da maior importância, porque em última análise elas estão sugerindo que existe uma relação entre a psique do homem em seus estratos inconscientes e mais profundos e o mundo concreto. O homem se encontra por tal motivo frequentemente deslocado dentro da cidade que ele mesmo criou. A ordenação e o caos existentes nas metrópoles refletem a dicotomia existente no interior da psique do homem. Particularmente as metrópoles dos países não desenvolvidos, que crescem espontaneamente sem a presença do estado, que é fundamental, no seu ordenamento.

A influência deste conteúdo arquetípico será enfocada na presente monografia com exemplos no traçado, origem e desenvolvimento de cidades, segundo a psicologia Junguiana.

Se comprovadas as hipóteses colocadas pelo estado da arte na física e na psicologia, acontecerá futuramente um dos avanços científicos mais revolucionários de toda a história da humanidade. Segundo essas hipóteses, o homem poderia ser, não só o artífice de sua própria história, mas estaria também conectado à natureza através da ação e atuação do inconsciente coletivo. Este tema foi desenvolvido não só por Jung, W. Pauli e outros físicos quânticos, mas também por filósofos como H. Bergson e William James, que muito influenciou o físico Niels Bohr. Para eles existe uma realidade pré-física e pré-psíquica que constituiria a origem única do físico e do psíquico.

O presente tema será estudado e desenvolvido a partir da bibliografia indicada.

Não será estudada na presente monografia, em profundidade e extensão, a psicologia Junguiana, os fundamentos da física quântica, nem o fenômeno urbano em suas múltiplas abordagens, pois, extrapolaria o âmbito e foco da presente pesquisa.

Este trabalho pretende dar sua contribuição, sublinhando que uma visão sistêmica transdisciplinar homem/mundo deve ser introduzida em todos os campos de produção científica e de ensino, paralelamente as especializações necessárias, para ampliação da consciência e compreensão de um sentido mais profundo do fenômeno urbano/humano.

2 ALGUNS CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA PSICOLOGIA JUNGUIANA

2.1 Arquétipos

O ego como centro da consciência e o inconsciente pessoal como um depósito de material psíquico recalcado não eram conceitos novos. Psicólogos já vinham estudando a consciência desde 1860, quando a psicologia científica surgiu como uma disciplina independente da filosofia e da fisiologia. O estudo da mente inconsciente foi iniciado por Sigmund Freud, em 1890, e o seu trabalho era bem conhecido de Jung (HALL, 1973). Ambas, a mente consciente e a inconsciente eram vistas como oriundas da experiência. Segundo Freud, as experiências traumáticas da infância que eram recalçadas formavam o inconsciente. Foi Jung quem rompeu com a visão de que a mente era rigorosamente determinada pelo meio ambiente e mostrou que a evolução e a hereditariedade também contribuem para a constituição da psique, do mesmo modo como contribuem para a constituição do corpo. (HALL, 1973).

A mente herdou através de sua contra parte física, o cérebro, características que determinam a maneira como ela irá reagir frente às experiências da vida e determinam até mesmo a tendência para o tipo de experiência que terá. (HALL, 1973)

A mente do homem é prefigurada pela evolução. Portanto, o indivíduo está ligado ao passado, não somente ao passado de sua infância, mas proeminentemente ao passado da espécie, e antes disso, ao longo período da evolução orgânica. Jung denominou Inconsciente coletivo à mente do homem constituída por esta ampla estratificação (HALL, 1973).

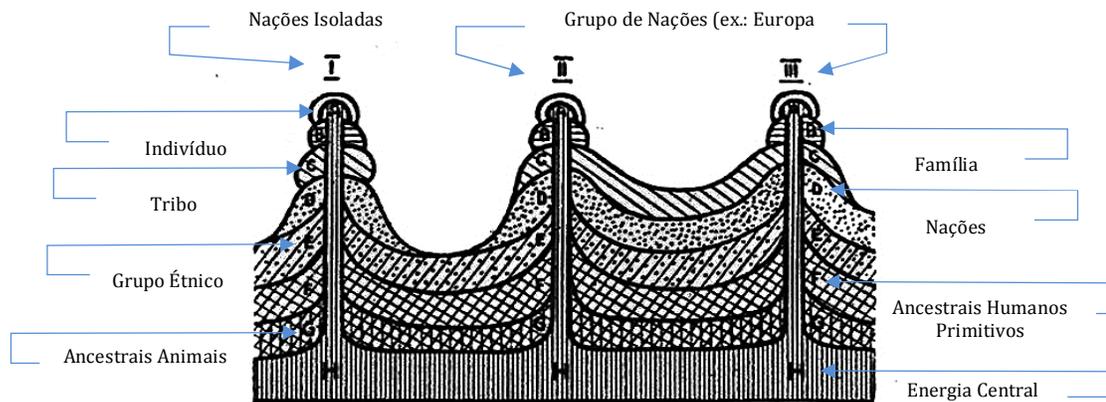


Figura 1 – As camadas do inconsciente segundo Jung (adaptado de JACOBI, 1976).

Os conteúdos do Inconsciente Coletivo são chamados arquétipos. Neste contexto, a palavra arquétipo significa um modelo original a partir do qual outras coisas similares são construídas. Um protótipo. Os arquétipos são universais, isto é, todos herdam a predisposição para a produção das mesmas imagens arquetípicas básicas. O Inconsciente Coletivo é a porção da psique que pode ser diferenciado do inconsciente pessoal pela razão de que sua existência não depende da experiência pessoal. O Inconsciente Pessoal é composto por conteúdos que já foram conscientes, mas os conteúdos do Inconsciente Coletivo nunca foram conscientes na vida comum do indivíduo. Entretanto, vislumbres desses conteúdos poderão se revelar à consciência em momentos extraordinários da existência de qualquer pessoa. Segundo Jung, é do Inconsciente Coletivo que surgem as novas ideias e as renovações políticas, sociais e religiosas. Quando pessoas intuitivas percebem a constelação desses conteúdos em desenvolvimento e dão a eles uma forma de expressão, tais novas ideias e perspectivas se espalham de modo muito rápido, e isto porque já estão à disposição no Inconsciente Coletivo das pessoas (HALL, 1973).

É importante fazer uma distinção conceitual entre o arquétipo em si, que é irrepresentável, e as figuras, imagens e símbolos arquetípicos. O primeiro é uma

estrutura inerente à psique¹ humana; as segundas expressam-se sob as diferentes formas de manifestação que diferem de tribo para tribo, de cultura para cultura, de civilização para civilização. Portanto, é importante observar que os arquétipos não são representações, figuras herdadas ou símbolos, mas suas possibilidades de manifestação e concretização. Se pensarmos na imagem de um ímã, e o desenho, segundo o qual a limalha de ferro se ordena materializando a força magnética que é invisível, poderíamos imaginar o ímã como o inconsciente coletivo, a força magnética como o arquétipo e a limalha de ferro o símbolo ou a imagem arquetípica se ordenando sempre segundo a força magnética do arquétipo, mas adquirindo tonalidades variadas de acordo com a cultura e linguagem de cada tribo ou civilização onde se manifesta.

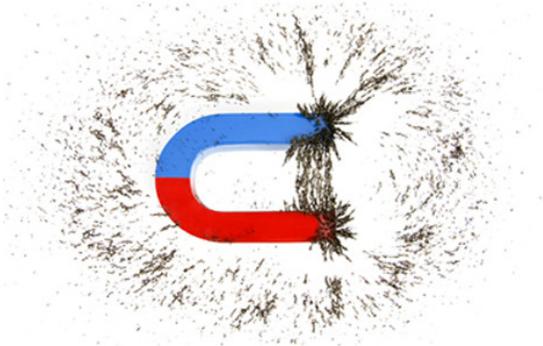


Figura 2 – Demonstração do campo magnético (GOOGLE, 2012).

Jung afirmava que os arquétipos são uma tendência tão marcante na natureza como o impulso das aves para construir ninhos, ou das formigas para formar colônias organizadas. Os arquétipos não tem origem conhecida, ocorrem em qualquer tempo ou em qualquer parte do mundo mesmo quando descartadas as possibilidades de transmissão por descendência direta ou migração. (JUNG, 1969).

¹ Psique – termo grego que etimologicamente indica “o sopro” que torna vivo um corpo, animando-o. “Alma” ou psique desse corpo.” (PIERI, 2002).

Segundo Jung, "A mente se desenvolveu até o seu estado atual de consciência como os sáurios evoluíram até serem mamíferos. Desenvolveu-se durante muitíssimo tempo e ainda segue se desenvolvendo; estamos, portanto, impulsionados por forças internas e também por estímulos externos. Essas forças arquetípicas surgem da origem mais profunda da mente, não foram criadas pela consciência nem estão sob seu domínio." (JUNG, 1969. p. 43)

Os arquétipos aparecem na experiência prática da seguinte forma: são ao mesmo tempo imagens e emoções. Só se pode falar de um arquétipo quando estes dois aspectos são simultâneos. Quando se tem somente a imagem, então é uma imagem de pouca importância. Porém, se está carregada de emoção, a imagem ganha numinosidade². Característica principal do arquétipo, esta numinosidade é uma carga emocional que se transfere para a consciência sempre que surge uma imagem ou uma situação arquetípica.

Para a definição do termo numinoso, Jung se atém a Rudolf Otto (R. OTTO, IL SACRO 1917, FELTRINELI, MILÃO, 1984), que utiliza o termo para descrever o inefável, o misterioso, o belo, o desconcertante na experiência do ser humano. (JUNG, 1969)

A numinosidade, na intensidade em que se manifesta, representa o grau de valor de um acontecimento arquetípico.

O conceito de arquétipo de Jung está na tradição das ideias Platônicas que servem como modelos para todas as entidades do reino humano. Jung admite ter tirado o termo de Platão, que "primeiro colocou num lugar celeste as ideias de todas as coisas, isto é, os modelos originários ou "urbilden", considerados mais reais do que as próprias coisas" (PIERI, 2002). O termo é usado pelos autores da tardia Antiguidade para denotar a ideia platônica enquanto modelo originário (em grego, *archetypon*) das formas das quais as coisas sensíveis são simples cópias. O termo é também usado para denotar as ideias existentes na mente de Deus enquanto modelos das coisas criadas. (PIERI, 2002).

² "Numinosidade – o termo ocorre na psicologia analítica como sinônimo de *FASCINOSUM*, para indicar o caráter com que uma coisa, cujo sentido é ignorado, ainda não conhecido, se transforma em força que fascina a consciência do sujeito." (PIERI, 2002).

Plotino compreendeu como tais, os materiais com os quais Deus tinha criado o mundo das ideias, enquanto modelos, a partir dos quais o próprio Deus tinha formado o mundo sensível (PLOTINO, 2007) Com estas características teológicas, a teoria dos arquétipos foi acolhida pelos padres da Igreja e adaptada à visão cristã.

Santo Ambrósio descreveu uma contraposição entre homem, como modelo, e Deus, como arquétipo. E Santo Agostinho definiu os arquétipos como os modos infinitos nos quais Deus pensa a natureza divina, e afirmou que estes modos do pensamento divino constituem os modelos das coisas criadas e ao mesmo tempo a condição da sua inteligibilidade (PIERI, 2002).

Kant distingue um "intelecto arquetípico" de um "intelecto ectípico", entendendo com a primeira expressão o intelecto divino capaz de criar os objetos pensando-os, e com a segunda expressão, o intelecto humano e finito, ao qual não compete a criatividade e sim a discursividade. Os "Protótipos" de Schopenhauer também são conceitos precursores. (PIERI 2002).

Teoricamente, poderia existir qualquer número de arquétipos, porque são universais, isto é, todos herdam algumas imagens arquetípicas básicas. Entretanto, alguns arquétipos são de tal importância na modelagem da nossa personalidade e do nosso comportamento que Jung devotou atenção especial a eles. Eles são: a *persona*, a *anima* e o *animus*, a sombra e o *self* (o si mesmo).

2.2 A Persona

Jung define a *persona*:

"como um sistema complexo de relações entre a consciência individual e a sociedade, uma espécie de máscara, que, por um lado está determinada a produzir certo efeito sobre os outros e, por outro, a encobrir a verdadeira natureza do indivíduo". (SILVEIRA, 2006. p. 87)

O termo deriva da palavra latina para máscara usada por atores na época clássica. Na psicologia junguiana, o arquétipo da *persona* serve a um propósito similar que possibilita à pessoa representar um personagem, um caráter, um tipo que não é necessariamente ele mesmo.

“A persona é a máscara ou fachada que a pessoa exhibe publicamente, com a intenção de exteriorizar uma impressão favorável, com o intuito de ser aceita pela sociedade. A persona também poderia ser chamada como o arquétipo da conformidade. “Uma pessoa pode ter e usar mais de uma máscara”. Em casa ela pode usar uma diferente da que usa no trabalho. Ela pode usar uma terceira máscara quando vai jogar futebol ou beber chope com os amigos. Coletivamente, entretanto, todas essas máscaras constituem sua persona. Certamente, a conformidade sempre foi reconhecida como um fator importante na vida social, mas ninguém antes de Jung havia sugerido que isso era a expressão de um arquétipo inato”. O papel da persona na personalidade pode ser nocivo ou benéfico. (HALL, 1973. p. 34)

A *persona* por si não é entendida como traço psíquico falso ou patológico do indivíduo; torna-se falso e patológico na identificação do eu com a *persona*, porque nisso, de o indivíduo e a sua *persona* tornarem-se uma mesma coisa, verifica-se o erro da máscara se fundir com o rosto do ator (HALL, 1973).

A *persona* é necessária para a sobrevivência. É a base para a vida social e comunitária. As leis e as normas de conduta são expressões da *persona* coletiva.

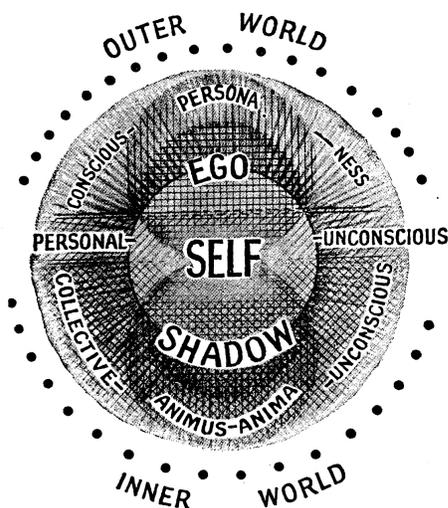


Figura 3 – Diagrama da psique (JUNG *apud* JACOBI, 1976).

2.3 A Anima e o Animus

O ser humano possui uma minoria de genes do sexo oposto. Estes foram sobrepujados pela maioria dos genes que determinam o sexo do indivíduo. A *anima* é a representação psíquica da minoria de genes femininos presentes no homem. A *anima* também é constituída pelas experiências fundamentais que o homem teve com a mulher através das eras; segundo Jung:

"Um aglomerado hereditário inconsciente de origem muito longínqua, somatório de todas as experiências da linha ancestral em relação ao ente feminino, resíduo de todas as impressões fornecidas pela mulher." (JUNG, 1969)

A grande pioneira junguiana brasileira, a psiquiatra fundadora do Museu do Inconsciente, Nise da Silveira, na biografia de Jung publicada pela Editora Paz e Terra, nos dá várias pistas que aclaram conceitos da psicologia analítica. Sobre a *anima* ela nos diz:

"A anima encerra os atributos fascinantes do "eterno feminino", noutras palavras, é o arquétipo do feminino. O primeiro receptáculo da anima é a mãe e isso faz com que aos olhos do filho ela pareça dotada de algo mágico. (É o sentimento do numinoso que está sempre presente em todas as manifestações realmente arquetípicas.) Depois a anima será transferida para a estrela de cinema, a cantora de rádio e, sobretudo, para a mulher com quem o homem se relacione amorosamente, provocando os complicados enredamentos do amor e as decepções causadas pela impossibilidade do objeto real corresponder plenamente à imagem oriunda do inconsciente. A retirada da imagem da anima de seu primeiro receptáculo, a mãe, constitui uma etapa muito importante na evolução psíquica do homem. Se não se realiza, a anima é transposta (por projeção) sob a forma da imagem da mãe, para a namorada, a esposa ou a amante. O homem esperará que a mulher amada assuma o papel protetor de mãe, o que o leva a modos de comportamento e a exigências pueris gravemente perturbadoras das relações entre os dois. A anima apresenta-se personificada, nos sonhos, nos contos de fada, no folclore de todos os povos, nos mitos das produções artísticas." (SILVEIRA, 2006. p. 93).

A *anima* pode ser positiva ou negativa:

"Nise da Silveira conclui que as formas belas ou horríveis de que se reveste são numerosíssimas: sereia, mãe d'água, feiticeira, fada, ninfa, deusa, mulher. O animus por sua vez é bem definido: é a figura anímica masculina presente na mulher, porque do mesmo modo que no corpo de todo homem existe uma minoria de genes femininos, no corpo de cada mulher acha-se presente uma minoria de genes masculinos". (SILVEIRA, 2006)

No Léxico dos Conceitos Junguianos Fundamentais, Editora Layola, (HARK, 2000) lemos que:

"Assim como a anima do homem é formada por meio da experiência adquirida com a mãe, o mesmo acontece com o animus da mulher a partir da experiência adquirida com o pai ou com alguma outra figura masculina marcante." (HARK 2000).

Jung amplia a conceituação do arquétipo como segue:

"A mulher é compensada por meio de uma essência masculina, por isso seu inconsciente tem uma espécie de marca masculina. (Assim como o inconsciente do homem tem uma espécie de marca feminina). Dada esta situação, chamei o fator determinante relativo às projeções na mulher de animus. Este termo significa razão ou intelecto. Assim como a anima corresponde ao Eros Materno, (princípio feminino), o animus corresponde ao logos Paterno, (princípio masculino)" (HARK, 2000. p. 16).

Nise da Silveira complementa no texto a seguir:

"O animus congrega todas as experiências que a mulher vivenciou nos seus encontros com o homem no curso dos milênios. E é a partir deste imenso material inconsciente que é modelada a imagem do homem que a mulher procura. Depois do pai, o primeiro receptáculo do animus, este se transfere para o professor, o ator de cinema, o campeão esportivo, o líder político, o homem completamente ligado à natureza, o herói com físico acentuado etc. Num nível mais sutil é representado pelo homem romântico sobre o qual muitas mulheres projetam seu animus inconsciente. Projetado sobre o homem amado faz dele uma imagem ideal impossível de resistir à convivência cotidiana. vemos assim inevitáveis decepções. Em um nível ainda mais sutil e amadurecido, manifesta-se na figura do velho sábio como imagem arquetípica da sabedoria".

"As personificações que o animus assume nos sonhos, contos de fada, mitos etc, variam muito: animais selvagens, demônios, príncipes, criminosos, heróis, feiticeiros, artistas, homens brutos e homens requintados."

"As relações entre o homem e a mulher ocorrem dentro do tecido fantasmagórico produzido pela anima e pelo animus". Portanto, não é para surpreender que surjam emaranhados problemas na vida dos casais." (NISE DA SILVEIRA, 2006. p. 96, 97).

2.4 A Sombra

Jung aclara o conceito:

"A sombra é um problema moral que desafia o todo da personalidade do ego, pois ninguém arrisca tornar a sombra real (trazer para o nível consciente) sem um esforço considerável, no que diz respeito à determinação ética. Torná-la real, aqui implica reconhecer os aspectos obscuros da personalidade como existentes de

fato. Esse ato é a base indispensável de qualquer espécie de autoconhecimento e, portanto, encontra, via de regra, uma resistência considerável. Se o autoconhecimento constitui uma medida psicoterapêutica, como indiscutivelmente é, implica então, um trabalho difícil que pode se estender por um longo tempo.” (HARK, 2000. p. 122).

Quanto menos o homem tem consciência de sua própria sombra, mais é dominado por ela. É a sombra inconsciente em cada um que compele e impulsiona as ações em relação às quais a pessoa, com a consciência recobrada, ou com o amadurecimento trazido pela reflexão, se arrepende de tê-los praticado.

Jung dá uma síntese da Sombra:

Todo mundo carrega uma sombra e quanto menos ela está incorporada na vida consciente do indivíduo, mais negra e densa ela é. Se uma inferioridade é consciente sempre se tem uma oportunidade de corrigi-la. Além do mais, ela está constantemente em contato com outros interesses, de modo que está continuamente sujeita a modificações. Porém, se é reprimida e isolada da consciência, jamais é corrigida e pode irromper subitamente em um momento de inconsciência. De qualquer modo, forma um obstáculo inconsciente impedindo novos e mais bem intencionados propósitos.” (HARK, 2000. p. 122).

Frida Fordham, em uma das melhores sínteses da psicologia analítica, publicada no Brasil, em “Introdução à Psicologia de Jung”, editado pela Verbo Edusp em 1978, sobre a sombra, nos diz:

“A sombra é o Mr. Hyde do nosso Dr. Jekyll. Temos um vislumbre desta personalidade estranha a nós quando possuídos de emoção ou de raiva, e depois nos desculpamos dizendo - não era eu, ou - nem sei o que se apoderou de mim. O que se apoderou foi a sombra, a nossa parte animal, primitiva, incontrolada. (FORDHAM, 1978. p. 47).

A sombra é produzida pela luz. Portanto, é da natureza. Não há sombra sem a luz do sol. O homem tem que aprender a conviver de uma maneira adequada com a sua sombra. Jung afirmava que o homem tem que descobrir a maneira de viver com o seu lado obscuro; de fato, disso depende muitas vezes a sua saúde física e mental.

“É preciso coragem moral para admitir que podemos albergar em nós, e albergamos provavelmente, estes aspectos da natureza humana. Mas também há um certo conforto no fato de, ao reconhecer e enfrentar uma coisa, termos ao menos algumas possibilidades de mudar, ao passo que se estiver inconsciente nada muda.” (FORDHAM, 1978. p. 49).

Fica clara a importância do confronto do homem com a sua sombra. E isso em todos os aspectos de sua vida cotidiana, no seu trabalho, em seu lar, enfim, em toda a sua vida de cada dia. É inútil tentar negar a sombra ou tentar reprimi-la por completo. Nós não vivenciamos nada sem nosso aspecto sombrio, pois além de nele estarem abrigadas as nossas pequenas fraquezas e defeitos, nele também está toda a nossa ancestralidade animal com sua força instintiva de sobrevivência. A aceitação da sombra é o primeiro passo para, gradualmente, e sem dúvida, com esforço considerável, tentar incorporá-la no consciente, com uma pedagogia que cada um deverá aprender a desenvolver, para transmutá-la, educá-la, doutriná-la e, assim, poder torná-la uma força construtiva no caráter e, conseqüentemente, na sinergia de forças sociais no sentido do bem comum e geral.

Símbolos arquetípicos da sombra estão presentes no inconsciente coletivo de todos os povos e em suas religiões e culturas. A sombra não é nem poderia ser destruída. Ela é parte integrante de todos nós. A sombra necessita ser transformada para que a evolução do homem em todos os setores e aspectos de sua existência possa ocorrer no sentido ético, com o conseqüente aprimoramento civilizatório.

Como exemplos de arquétipos do confronto da consciência com a sombra (Deus e as trevas, numa linguagem mística), no seu aspecto coletivo e impessoal, podemos citar: no mito de Hércules e seus doze trabalhos, quando o herói (consciência) vence o touro (forças instintivas), no episódio do segundo trabalho, e não o mata, mas o submete e o monta para atravessar o oceano e atingir o continente (a terra firme da consciência).



Figura 4 – Hércules vence o touro (GOOGLE, 2012).

Na captura do javali, sexto trabalho de Hércules, havia uma fera que gerava o temor no povo que habitava uma grande região. Hércules prepara uma armadilha e faz o javali prisioneiro.

"A partir desse momento, o herói (a racionalidade e a coragem) tenta domesticá-lo e ensiná-lo e, por mais surpreendente que esse fato possa parecer, a fera (instinto animal) mostra-se dócil." (NETO, 2003. p. 103).

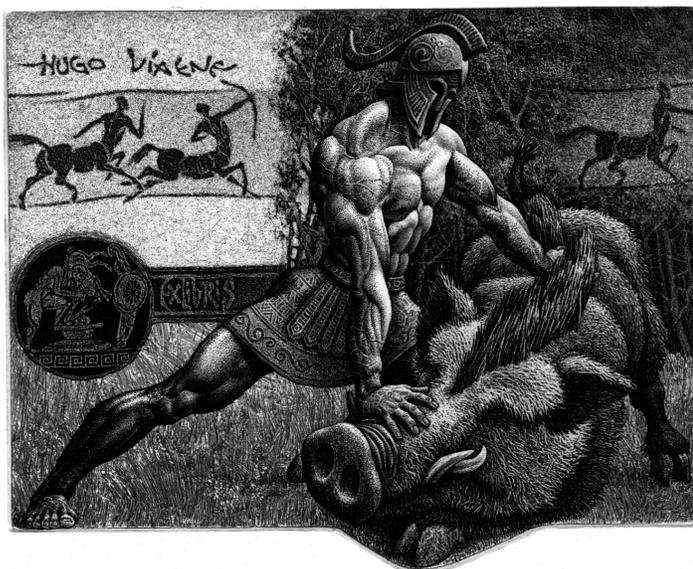


Figura 5 – Hércules vence, domestica e ensina o javali (GOOGLE, 2012).

"Após algum treinamento, Hércules entra com ele na cidade segurando-o pelas patas traseiras, totalmente dominado, deixando surpresos e alegres todos os cidadãos que assistiam àquela cena inusitada". (NETO, 2003. p. 103)

O que esse mito nos ensina é a maneira como devemos lidar com a nossa sombra (javali, instinto animal, primitivo, selvagem etc). Com habilidade, racionalidade e coragem, devemos nos acercar dos conteúdos sombrios de nossa personalidade e da maneira mais hábil e harmoniosa possível, trazer cada um deles para emergir em nosso nível consciente. A partir daí tentar domestica-los e ensina-los, à medida que forem surgindo, sem lutas, sem pressa, gradualmente. Após os conteúdos serem incorporados à consciência, deixam de ser, uma ameaça à nossa integridade física e psicológica e de todos os que nos cercam.

El Greco (1541-1614): um dos maiores gênios universais da pintura, fez, entre os anos de 1595 e 1600, um quadro a óleo que se encontra no Museu do Prado, em Madri. Este quadro representa São João Evangelista jovem, apontando com sua mão esquerda (o consciente esquerdo representa simbolicamente os mecanismos racionais), para a sua mão direita (o consciente direito simbolicamente diz respeito à conexão com níveis abstratos onde se revelam padrões arquetípicos), que está segurando um belo cálice de ouro (símbolo da vitória e da consagração), contendo um dragão totalmente contido e circunscrito dentro de sua borda.



Figura 6 – Pintura: São João de El Greco (GOOGLE, 2012).

O olhar de São João, na pintura, nos sugere o que devemos fazer com a nossa sombra (dragão, animalidade, primitivismo), isto é, relativizá-la, contê-la nos limites áureos da civilidade.

A vida de Santo Antão (nascido no ano de 251, no Alto Egito) chegou até nós através de seu biógrafo Atanásio, o famoso bispo de Alexandria.

"Este autor foi um piedoso bispo do quarto século, sem qualquer espécie de dúvida religiosa a perturbá-lo. Lendas e milagres, visões sagradas e aparições do demônio eram para ele fatos tão reais como nomes de pessoas e lugares ou datas." (FÜLÖP-MILLER, 2006. p. 33).

Exatamente uma das lendas sobre Santo Antão conta que os demônios que o atormentaram por uma vida inteira foram por ele vencidos e domesticados e passaram a prestar permanentemente serviços domésticos em sua cela, na caverna.

Os exemplos arquetípicos que simbolizam a integração e a transformação dos conteúdos da sombra na consciência são inumeráveis, espalhados por todas as culturas, em todos os rincões da Terra.

"Tentar viver como uma fachada de pessoas mais nobres e melhores do que na realidade somos, enreda-nos numa hipocrisia e numa fraude sem fim e a tensão que isso nos impõe leva-nos frequentemente ao colapso, tornando-nos piores do que precisamos ser." (FORDHAM, 1978)

Realmente, um dos aspectos mais notáveis e da maior importância quando iniciamos o processo de nos confrontarmos com os conteúdos de nossa sombra é a aquisição, gradual, da real virtude da humildade. Quando realmente aspiramos ao auto conhecimento, para nos autoconvocando, ter em nossas mãos as rédeas de nosso processo evolutivo como seres humanos, a penetrante luz de nossa consciência começa a desvelar os rios subterrâneos de nossos pensamentos subconscientes, que são em sua maior parte pensamentos involuntários e compulsivos, que passam velozmente na nossa mente ocidental durante todo o dia. É essa revelação, que, por um ritmo intrínseco de nossas defesas intrapsíquicas, vai se desvelando de uma maneira gradual, e da

maneira mais harmoniosa que a nossa estrutura física, emocional e mental possibilitam. Esse movimento é sempre desconcertante e gera perplexidade. Mas, é exatamente nesse estágio que a verdadeira virtude da humildade começa a emergir. Não aquela humildade de aparência, não aquela humildade que eu intelectualmente aceito por ser uma coisa bem vista na sociedade. Não, uma humildade visceral que, nos exatos momentos do confronto entre a nossa consciência e esses conteúdos da nossa sombra, emerge com a constatação de que somos portadores também de motivos e intenções que nos outros julgávamos e condenávamos. Nesses instantes são necessárias a simplicidade e a tranquilidade para a dissipação do sentimento que pode nos fazer sentir como os últimos dos seres humanos sobre a terra. Esse sentimento se dissolve na constatação feita pelo nosso ego, de que somos potencialmente iguais a todos e que ninguém é realmente, em essência, melhor do que ninguém. Mas, esse treinamento, essa escola, esse trabalho, será nossa necessária tarefa por toda a vida.

E assim, como no mito de Hércules é dito que entre um trabalho e outro o herói repousava na relva, o autêntico repouso do guerreiro começa a brotar de nosso interior. Uma sutil e quase constante alegria, no dia a dia, e uma serenidade maior nas horas mais difíceis: o sentimento de estarmos cumprindo o mais nobre de todos os nossos deveres. A única coisa primordialmente necessária.

2.5 O Self (o Si Mesmo)

O mais importante dos arquétipos na psicologia junguiana representa o centro ordenador da psique, e é ao mesmo tempo o núcleo fundamental do inconsciente e a totalidade do psíquico. A conexão dialética mediadora entre o ego e o Self é a meta primordial do processo do desenvolvimento da personalidade humana, a que Jung

denominou Processo de Individuação. Jung identificou nos mitos e nas religiões as Imagens Arquetípicas do Self como representação da meta a ser atingida por todo homem. Atingir o Self é a máxima realização que um ser humano pode almejar e conseguir. Essa conquista não significa que a perfeição foi atingida de uma maneira definitiva. A conexão com o Self permitirá que a personalidade possa ter um guia mais claro e seguro para os passos que devem ser dados na senda da sua existência. A conexão sempre existiu. A personalidade, o ego do homem, é que não tem consciência dela, de um modo geral.

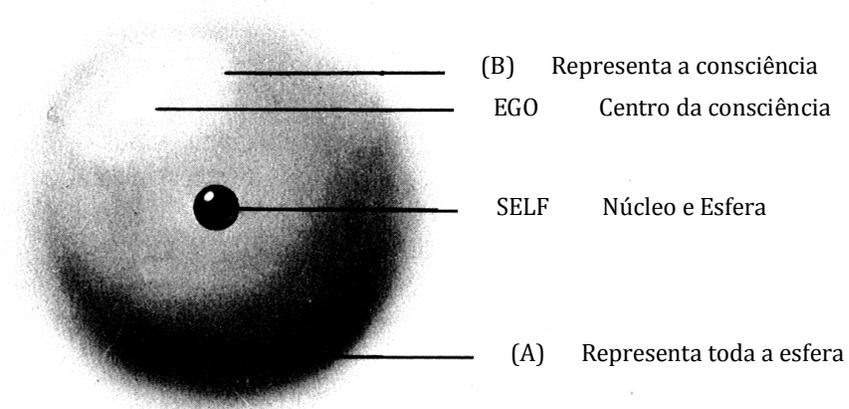


Figura 7 – Representação da psique (adaptado de JUNG, 1969).

Para Jung a consciência dessa conexão só é possível quando o homem atinge sua idade madura por volta dos seus trinta e cinco anos. Antes disso a sua própria estrutura psicológica e sua maturidade adquirida com a experiência da vida ainda não se desenvolveram a ponto de poder suportar as potentes energias que emergem na consciência, nos momentos ou fases da vida em que essa conexão se dá. A experiência de um ego com o Self é sempre acompanhada por uma clareza perceptível, profunda e abrangente, na compreensão dos fatos, acontecimentos e mesmo complexas questões da existência.

Todas as divindades das quais se tem um tipo de registro escrito, pictórico ou esculpido são um símbolo do arquétipo central, o Self. Todas as experiências místicas, estados de superações miraculosos, descobertas científicas transformadoras da realidade são resultados da conexão com o Self. As grandes obras literárias, todos os clássicos, as grandes composições da música erudita e clássica que se eternizam são estados especiais dos quais a maioria dos seus autores dão conscientemente testemunho. Os pioneiros decididos a se transformarem, aqueles que constatarem a esterilidade neurótica de uma vida comum, aqueles que não querem se entregar à condenação a um destino melancólico previsível, começam com sua ardente aspiração a serem tocados, gradualmente, por energias que os impelem à luta pela liberdade. Esse momento da existência só se inicia quando o indivíduo percebeu que ele é um prisioneiro de engrenagens sistêmicas a que toda a sociedade de massa está submetida. Ao perceber, com clareza, o estado deplorável em que se encontra, inicia uma luta com todas as suas forças para se libertar dos grilhões, nos quais o seu campo emocional e mental estão submetidos. Esta percepção já é resultado da clara energia do Self que vem em seu auxílio. E ele, reverentemente, começa a perceber que no seu próprio ser existem núcleos dos quais até então não tinha consciência. Ele é a testemunha solitária e inequívoca desse processo. E o resultado desse processo de simplificação da vida e aumento de clareza na ação, começa a ser percebido positivamente por aqueles que lhe são mais próximos, ou por aqueles com quem compartilha seus trabalhos evolutivos grupais em qualquer setor onde atue. A força de vontade começa, surpreendentemente a aumentar. Flashes de amor e compaixão de uma maneira nova começam a permear o seu ser psíquico. Sua atividade inteligente se amplia, e sua habilidade de lidar até com as menores coisas começa a surpreendê-lo.

A capacidade de atingir patamares de harmonia, após estar envolvido em conflitos que surgem em seu caminho, se expande. Aumenta a sua reverência e amor à toda a ciência e a sua história no planeta. A devoção a um ideal começa a se configurar, a medida que começa a vislumbrar nos acontecimentos, um sentido, que aponta para uma meta cada vez mais bem delineada. Sua tarefa fundamental na existência vai gradualmente se aclarando, bem como o lugar em que deve estar, e com quem deve se relacionar evolutivamente. Uma fé na vida se acentua e com ela uma confiança no triunfo do bem.

A capacidade de melhor se ordenar e se organizar, de conseguir realizar concretamente seus objetivos, começa a se constituir em um ritmo normal em sua vida. Coroando esse processo a pessoa começa a perceber uma verdadeira e harmoniosa magia na vida, em momentos cada vez mais recorrentes. É o que Jung denomina Sincronicidade (JUNG, 1969).

Não obstante a todo caos reinante, começa, naturalmente, a se produzir um sentimento de reverência e gratidão. Mesmo sem compreender a razão das tragédias da vida humana, começa a perceber que nas coisas mais simples da vida é possível vislumbrar o desdobramento de um cerimonial da Natureza, na intercomunicação de seus processos. O símbolo por excelência do Self (Si Mesmo), a totalidade psíquica, é a mandala (em sânscrito, mandala significa círculo).

2.6 O Processo de Individualização

Carl Gustav Jung calculava que havia interpretado pelo menos oitenta mil sonhos. Ele teve, durante sua vida profissional, uma grande quantidade de pacientes provenientes de várias partes do mundo. Estudando e interpretando seus sonhos

percebeu que pareciam seguir certa ordenação ou modelo e que eram significativos em diversos graus, para a vida de quem tinha os sonhos. E todos estes sonhos faziam parte de uma grande rede de fatores psicológicos. A essa ordenação ou modelo, revelado ao longo de um tempo considerável, após a análise e interpretação de uma série de sonhos de um mesmo paciente, Jung chamou de Processo de Individuação. (JUNG, 1969)

O Processo de Individuação é a espinha dorsal da psicologia Junguiana. O início do Processo de Individuação, não se dá no seu primeiro momento por um esforço consciente de força de vontade. A força de vontade será essencial e necessária após o processo ter sido deflagrado. O início do processo se produz de uma forma natural e involuntária, inconscientemente, como uma árvore que cresce. A partir de certo momento esse processo começa a permear o nível consciente do indivíduo com um incremento de sua capacidade de ser e perceber. Começa sentir uma inquietação que faz com que, no local onde os outros passam tranquilos e sem vislumbrar sequer que existem problemas, ele percebe questões que demandam reflexão e ação. Junto com essa inquietação surge uma necessidade de mais rigor para lidar com as questões que começou a perceber e com a sua própria conduta na vida. Esta introdução neste novo estado de consciência marca um ponto crucial de sua trajetória. Ele percebe que tem diante de si a possibilidade de uma vida mais plena e rica, intensa e mais liberta, mas percebe também que terá um processo árduo e metódico a seguir, com uma cota indispensável de renúncia e sacrifício aos velhos hábitos da vida comum. Como possui livre arbítrio, o indivíduo neste ponto exato de possibilidade de transformação, segue em frente ou desiste e mergulha de novo na penumbra da existência.

O processo de individuação está em ato num indivíduo quando a sua vida começa a ser guiada pelo seu Self (Si Mesmo), e no início é de modo muito intermitente, episódico. Mas, se ele tem a aspiração de prosseguir, essa conexão começa a se dar num

ritmo mais frequente, com resultados positivos e cada vez mais duradouros e abrangentes. O Self, centro regulador e organizador em conexão com o ego, cria um processo de desenvolvimento psíquico no indivíduo. Gradualmente, vai emergindo na pessoa uma personalidade mais madura, que, pouco a pouco se torna efetiva e perceptível pelos demais (JUNG, 1969).

No seu livro "A Filosofia Perene", Aldous Huxley faz uma interpretação dos grandes místicos do Oriente e do Ocidente, onde através do envoltório da linguagem, da cultura, do tempo e do lugar, sempre se pode perceber a conexão, em uma variedade grande de graus e intensidade, a relação Ego X Self. Para Jung a realização da unicidade do homem individual é a meta do processo de individuação. (JUNG 1969)

Um alinhamento dos campos emocional e mental com o corpo físico criam uma base cada vez mais estável na personalidade se o processo de individuação se integra à vida de cada dia da pessoa.

"Embora muitos problemas humanos sejam análogos jamais são idênticos... É difícil resumir as infinitas variações do processo de individuação. O fato é que cada pessoa tem que fazer algo diferente, que é unicamente seu." (JUNG, 1969).

O processo de individuação se inicia quando a pessoa começa a se despir das falsas roupagens da *persona*. Esse trabalho de desvelamento inicial faz com que conteúdos desagradáveis em nós comecem a emergir. É a nossa sombra. São as coisas que não aceitamos que poderiam existir em nós e que por este motivo, através de um mecanismo de defesa do sistema psíquico as reprimimos, projetando-as sobre o outro. Permanecemos, portanto, inconscientes desses conteúdos. Entretanto, quando neste processo, incorporamos gradualmente esses conteúdos à nossa consciência, ela se amplia, ao clarear os sombrios recônditos do nosso subconsciente.

"O Processo de Individuação efetivo - o acordo consciente com o próprio centro interior (o Self/Si Mesmo) - começa geralmente com

uma ferida na personalidade e o sofrimento que a acompanha."
(JUNG 1969).

O início do caminho é árduo, mas claramente compensador. Entretanto, as provas iniciais que exigem alguma renúncia e algum espírito de sacrifício fazem com que sejam muito poucos os pioneiros a se autoconvocarem para este trabalho. Após o confronto com a própria sombra, uma tarefa que exige um trabalho ainda mais considerável é o confronto com a questão da anima nos homens e do animus nas mulheres.

A *anima* se sedimenta no inconsciente dos homens pela milenar vivência com a mulher. Constrói-se um feminino essencial no seu interior, que foi possibilitando com o passar das eras, uma compreensão e uma possibilidade de comunicação com as mulheres concretas com quem ele se confrontará (SILVEIRA, 2006). Com as mulheres ocorre exatamente o mesmo fenômeno. Entretanto, esta comunicação entre os representantes de ambos os sexos ainda tem um extenso caminho a percorrer até atingir um patamar ao menos satisfatório. Por enquanto, embora isso esteja mudando, o homem ainda se julga o forte, o corajoso, um impulsivo, e não se equilibra com as qualidades femininas que também têm ocultas dentro de si. O resultado é que a ação instintiva e subconsciente contraria o nível de clareza que ele já atingiu em seu desenvolvimento racional.

Quando, depois de um grande esforço consciente, um casal começa mutuamente, de maneira gradual, a desinvestir a projeção sobre o outro das personificações respectivas, da anima e do animus, um aspecto mais real começa a ter condições de emergir, e a relação começa a ter uma progressiva qualidade. Desencontros sempre ocorrerão, mas o entendimento rapidamente é restabelecido. Neste processo a capacidade de autorreflexão de cada um aumenta. O ato instintivo de acusar o outro não

se sustenta. Na medida em que essas mútuas projeções do *animus* e da *anima* vão diminuindo, começa um novo processo, onde o Self (o Si Mesmo), o núcleo mais interior da psique, pode começar a se revelar na relação, que poderá então, ser permeada por grande potencial energético psíquico, unificando as metas e ampliando a capacidade do casal de inclusão do todo social em suas reflexões e propostas de ação.

O Processo de Individuação não se dá por uma trajetória reta, ao contrário, é um movimento que busca alcançar o Centro, fazendo circunvoluções de maior ou menor aproximação do Self. Realmente é algo que não se pode prever, o quão próximos ou distantes estamos do nosso Centro Ordenador, neste Processo de Individuação. É inesperadamente que essa conexão se dá. Quando ela ocorre, somos então agraciados por um *insight* significativo, que pode ser a percepção de uma inédita e impactante realidade, ou um estado de paz incomum, ou uma experiência que nos revela uma beleza singular no que nos cerca. Um símbolo impressionante desse movimento, nesta trajetória em direção ao Self, está representado no labirinto que existe no piso da catedral de Chartres na França.

O Self é simultaneamente o núcleo central da psique e a sua totalidade. Núcleo e totalidade, racionalmente se nos apresentam como opostos. Na verdade, todo o trabalho do Processo de Individuação poderia ser sintetizado como a união de opostos que convivem em nossa psique.



Figura 8 – Os labirintos de Jung (JUNG, 1969. p. 171)

3 PSICOLOGIA E FÍSICA

3.1 A Relação

O físico brasileiro Mario Schenberg afirmava que existia uma relação entre a filosofia da Teoria Quântica e a Psicologia Junguiana. Referia-se principalmente ao que diz respeito à questão dos arquétipos, que exerceram forte influência no pensamento de Wolfgang Pauli e Werner Heisenberg. Afirmava também que o pensamento platônico exerceu forte influência em alguns dos maiores físicos do séc. XX, sobretudo em Heisenberg, um dos fundadores da mecânica quântica. (CAPRA, 2008)

Para Jung, como foi já mencionado, o Self (o Si Mesmo) é o fator ordenador da psique e o seu arquétipo central (HARK, 2000). É o ponto nuclear da personalidade, e expressa a sua unidade e totalidade. O ego deve se relacionar com o Self de modo complementar, dialético, dinâmico, compensatório, formando um canal de comunicação, que tem como condutor o chamado eixo ego-self (NEUMANN, 1995). Essa conexão é para Jung a base do processo de individuação, que corresponde ao amadurecimento e à ampliação da capacidade criativa da personalidade (JUNG, 1969). Como foi descrito no capítulo anterior, as experiências de conexão com o Self são experiências marcantes na vida de qualquer pessoa.

3.2 Werner Heisenberg: uma Conexão com o Self

Heisenberg descreve um desse momento de conexão com o Self, que foi um marco de orientação para toda sua vida, uma certeza interior inabalável. Quando jovem, havia lido o Timeu de Platão, onde o Filósofo discutia as partículas mais diminutas da

matéria. (HEISENBERG, 2008). O que mais o fascinava, embora não conseguisse compreender, era o trecho em que descrevia que essas partículas mais diminutas da matéria eram triângulos retângulos, que depois se combinavam aos pares, formando triângulos isósceles ou quadrados, gerando volumes regulares. Heisenberg se perguntava como Platão poderia reconhecer uma certa ordem nos fenômenos naturais, de uma maneira, que, nem os cientistas seus contemporâneos eram capazes de reconhecer. (HEISENBERG, 2008).

Heisenberg teve, porém, uma experiência que o transformou e veio a influenciar suas posteriores descobertas. Em um debate, entre jovens de um grupo do qual fazia parte, o tema da ordem entrou em pauta. Vários oradores discorreram sobre sentidos discrepantes sobre o conceito de Ordem, passíveis de entrarem em choque entre si, de tal maneira que resultariam em antítese da Ordem. (HEISENBERG, 2008). Percebeu Heisenberg, que todas as espécies de ordem, conceituadas pelos oradores, eram parciais, eram fragmentos de uma Ordem Central. Fragmentos estes que ainda poderiam ter uma força criativa, mas que, refletia ele: *“já não eram direcionadas para um Centro Unificador, e quanto mais eu ouvia os palestrantes, mais dolorosamente sentia a ausência daquele Centro”*. (HEISENBERG, 2008)

A experiência do contato com o Self, o Centro Ordenador da psique, Heisenberg teve naquela mesma noite. Ele a descreve num texto que deve ser literalmente transcrito em reverência à sua importância:

“Era uma dor quase física, mas naquele matagal de opiniões conflitantes, eu era incapaz de descobrir um caminho para o Centro. Assim se passaram as horas enquanto os discursos eram feitos e mais discussões começavam. As sombras no pátio alongaram-se e, por fim o dia quente deu lugar a um entardecer cinza e uma noite de luar. A conversa ainda prosseguia quando, de repente, um jovem violinista apareceu numa sacada acima do pátio. Houve um murmúrio abafado e, lá no alto ele fez soarem os primeiros grandes acordes em ré menor da Chacona de Bach. No mesmo instante e com extrema certeza, descobri minha ligação com o Centro. O enluarado vale do Altmuhl lá em baixo teria sido razão suficiente para uma transfiguração romântica, mas não se tratava disso. As frases límpidas da Chacona atingiram-me como uma brisa fresca, rompendo a bruma e

descortinando as imponentes estruturas mais além. Sempre fora possível falar de uma ordem central na linguagem da música, na filosofia e na religião, não menos naquele dia do que nas épocas de Platão e de Bach. Naquele momento eu soube disso por experiência própria” (HEINSEMBERG, 2008, p. 19 e 20).

Foi após esta experiência que Heisenberg compreendeu o que Platão dizia no Timeu, e que suas especulações sobre os corpos regulares começaram a fazer sentido para ele.

Para Heisenberg a Ciência era fruto da filosofia grega através das correntes do materialismo e do idealismo e que mesmo num mundo onde a ciência e a tecnologia são predominantes, era necessária uma formação humanista para os cientistas. (SCIENTIFIC AMERICAN, 2003). Segundo ele, no âmago de todo consequimento científico existe uma base fundamental oriunda dos filósofos gregos. O platonismo, afirmava ele, retornou à ciência, após a descoberta do quantum de ação por Planck, sendo esta filosofia a única capaz de dar conta dos fenômenos idiossincráticos da nova física. (HEISEMBERG, 2008).

A descoberta de Planck, para Heisenberg, não se limitou a resolver um problema específico da termodinâmica. Uma de suas consequências foi reviver o debate entre Demócrito e Platão sobre os constituintes últimos da matéria (HEISEMBERG 2008). Ele considerava as propriedades das partículas mais diminutas da matéria essencialmente análogas às que Platão havia descrito no Timeu, tidas por ele como *“uma característica genuína da natureza”* (HEISEMBERG, 2008).

É importante, portanto, ressaltar a origem coincidente dos fundamentos da física quântica, segundo Heisenberg e a psicologia analítica de Carl Gustav Jung no que concerne à filosofia platônica. O conceito de arquétipo de Jung está na tradição das Ideias Platônicas. Jung tirou o termo, de Platão que para este, significava, lugar das ideias

de todas as coisas, isto é, os modelos originários de todas as coisas. O conceito de arquétipo é a espinha dorsal da dialética analítica junguiana. (JUNG, 1969)

Platão, origem de tantas coisas belas e reais. Uma dessas raras consciências que dignificam e enobrecem a nossa espécie.

3.3 Wolfgang Pauli e Carl Gustav Jung

O encontro destes dois sábios é um exemplo vivo do fenômeno da Sincronicidade³ (JUNG, 1969). Uma tragédia deflagrou este movimento. A mãe de Pauli cometera suicídio e ele era profundamente ligado a ela. Um ano depois seu pai casou-se novamente, outro abalo para Pauli. Ainda desorientado, Pauli busca em um casamento a paz tão ansiada. Entretanto o casamento fracassa em menos de um ano de união. Pauli entra então em uma fase de importante desalinhamento psicológico e começa a beber e a fumar. Foi exatamente neste período crítico que Pauli, seguindo os conselhos de seu pai procurou o psiquiatra e psicólogo suíço Carl Gustav Jung (SCIENTIFIC AMERICAN, 2008).

Estava assim, selado pelo destino o encontro entre estes dois sábios que daria uma sólida contribuição ao processo de compreensão unificada da natureza, direção para onde está convergindo a vanguarda dos saberes contemporâneos. (XAVIER, 2003)

Para Jung, o campo mais promissor para futuros estudos, com maiores desdobramentos possíveis, era a surpreendente interface da psicologia analítica com a microfísica. Os aspectos mais claros dessa conexão era o fato de que a maioria dos conceitos básicos da física, tais como: espaço, tempo, matéria, energia, partícula etc., foram originalmente intuições dos filósofos gregos da antiguidade, que evoluíram e

³ Sincronicidade – “eventos que ligam o mundo psíquico e material. A experiência sincrônica ocorre quando há a intercessão de dois tipos de realidade, a interna (psíquica) e a externa (material)”.(HARK,2000).

foram se tornando mais exatas. Werner Heisenberg afirmava que ao examinar a natureza e o universo, ao invés de somente encontrar qualidades objetivas, “o homem encontra a si mesmo” (JUNG, 1969).

Quando terminou sua análise com Jung, o contato entre os dois se intensificou, através de uma troca de correspondência que perdurou por quase 25 anos. (SCIENTIFIC AMERICAN, 2008). O conteúdo dessas cartas entre Jung e Pauli foi publicado pela primeira vez em 1992 em alemão pela Springer Verlag, depois para a língua espanhola em 1996 pela Alianza Editorial e finalmente para a língua inglesa em 2001 pela Princeton University Press (XAVIER, 2003). É importante ressaltar que o conceito Junguiano de Sincronicidade, sem dúvida uma de suas maiores contribuições, foi trabalhado e aperfeiçoado em parceria com um físico detentor de um Prêmio Nobel. Nessas cartas, Pauli e Jung, em textos de caráter interdisciplinar, se esmeraram como mestres artífices na construção de interfaces entre física e psicologia. (SCIENTIFIC AMERICAM, 2008). Em uma carta emblemática, sobre as notáveis analogias entre física e psicologia, datada de 14 de outubro de 1935, Pauli sugere que o núcleo de átomos radioativos representaria um símbolo por excelência para a fonte de energia psíquica que se irradia do inconsciente coletivo, querendo dizer com isso que a consciência não surge de um amálgama inerente a ela própria, mas é permanentemente produzida por energia oriunda do inconsciente, formado desde as eras mais arcaicas da história humana.



Figura 9 – A dualidade da matéria: partículas e onda. (CAPRA, 2008, p. 118)

“Pauli produziu uma tabela com as analogias entre física e psicologia. Nela se destacam as correspondências entre:

- a) Física quântica / psicologia do processo de individuação;*
- b) Átomo, seu núcleo e camadas / personalidade humana como núcleo (Self) e ego;*
- c) Conceito de complementaridade / consciente e inconsciente (pela razão de que esses dois últimos nunca aparecem simultaneamente; ou se manifesta um ou se manifesta o outro na psique humana)”. (SCIENTIFIC AMERICAN, 2008, p. 73)*

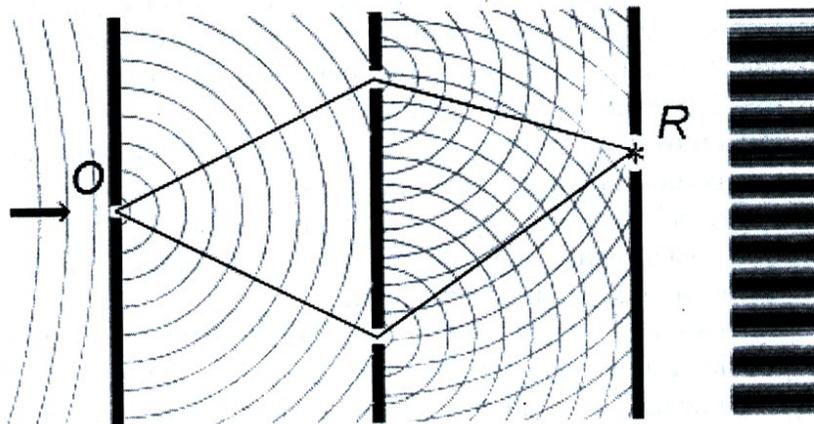


Figura 10 – O experimento da dupla fenda (PESSOA, 2003, p. 3)

O experimento da dupla fenda demonstra a dualidade onda-partícula:

“Os elétrons são partículas; entretanto quando um feixe dessas partículas é enviado, através de uma pequena fenda é difratado como um feixe de luz. Portanto, partículas também se comportam como ondas” (CAPRA, 2008, p. 118)

Pauli tinha uma perspectiva promissora em relação ao futuro da psicologia e da física. Afirmava que *“a ciência do futuro não será a psicologia nem a física, mas algo de ambas e de nenhuma”*. (SCIENTIFIC AMERICAN, 2008)

Para ele, como matemática e física são criações, estavam intrinsecamente relacionadas com manifestações e dinâmicas inerentes à psicologia humana. Ainda segundo Pauli, deveria ser estabelecido um paralelismo entre as investigações científicas dos objetos exteriores e uma investigação psicológica, do que ele chamou *“a origem interior dos conceitos científicos”*. (SCIENTIFIC AMERICAN, 2008).

Jung e Pauli, trabalhando intimamente, descobriram que:

“A psicologia analítica, se viu obrigada pelas investigações em seu próprio campo, a criar conceitos assombrosamente análogos aos criados pelos físicos, quando se encontraram diante de fenômenos microfísicos”. (JUNG1969, p. 307).

O que esta teoria física tem de fundamental é que o observador não pode ser separado do objeto observado. Isto surge com a constatação da dualidade onda-partícula, Isto é, *“em certas condições experimentais, a luz se manifesta como se estivesse composta por partículas; em outras condições como se fossem ondas”* (JUNG, 1969, p. 307).

Dessa forma o aparato para a medição científica adotada, tem que ser incluído na descrição dos resultados, porque tem influência decisiva na prova experimental. O inconsciente só pode ser descrito através da produção de seus símbolos, portanto aproximadamente, da mesma forma que as partículas microfísicas.

“Pauli, era de parecer que a ideia do inconsciente coletivo influenciaria no futuro, todas as ciências naturais que tem por objeto de pesquisa os fenômenos gerais da vida”. (SCIENTIFIC AMERICAN, 2008, p. 47).

Pauli recebeu o Prêmio Nobel de Física em 1945 pela descoberta do “princípio de exclusão”. (SCIENTIFIC AMERICAN 2008)

4 MANDALA, O SÍMBOLO UNIVERSAL DO SELF E SUA INFLUÊNCIA NA ORIGEM DA FORMA NAS CIDADES

4.1 A Importância do Esférico

Da forma das galáxias, estrelas e planetas do nosso universo, ao nosso globo ocular, vivemos e interagimos numa realidade predominantemente esférico-circular. Mesmo as formas esferóides, ovalóides, elipsóides, etc., todas sem exceção nos remetem à figura ideal arquetípica da esfera. Desde os mais remotos tempos, quando o homem surgiu na face da terra, aproximadamente há 25 milhões de anos, observa a abóboda celeste, a lua, o sol e sua trajetória aparente circular (TOYNBEE, 1978). Hoje sabemos das células e seus núcleos, que quando isolados e livres são predominantemente esféricos. O modelo de átomo, Niels Bohr o descreve como um núcleo esférico carregado positivamente, cercado por elétrons em órbitas circulares. A analogia marcante entre o microcosmo e o macrocosmo tem a esfera e o círculo como arquétipos comuns. A esfera é o sólido que seccionado por um plano qualquer, tem sempre a mesma figura como interseção, e essa figura é o círculo.

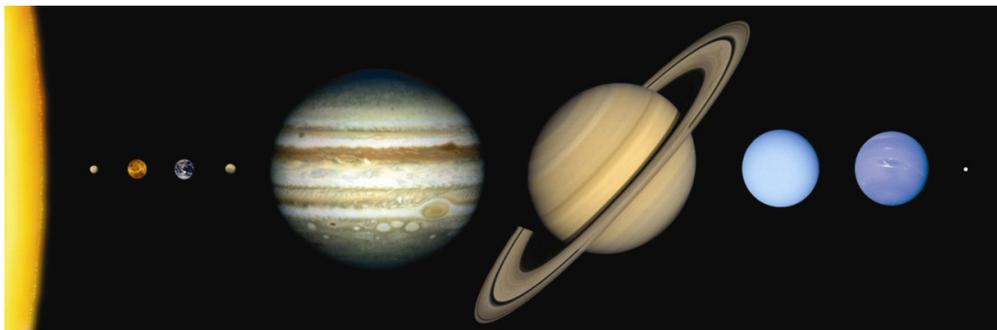


Figura 11 – O Sistema Solar (NASA, 2012).

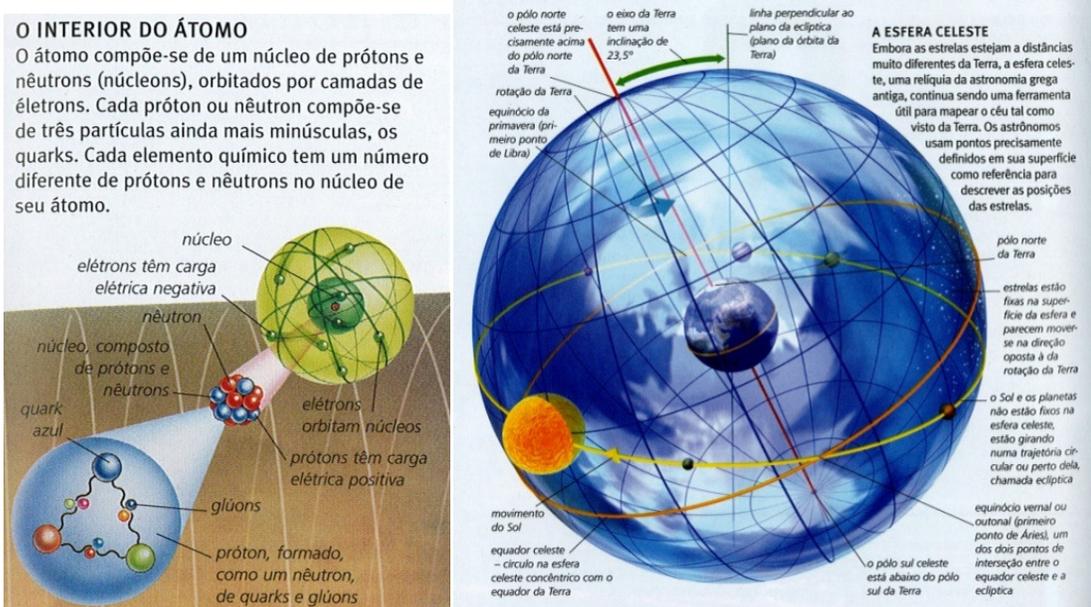


Figura 12 e Figura 13 – Esquemas: átomo e esfera celeste (RIDPATH, 2010, p. 51 e 130)

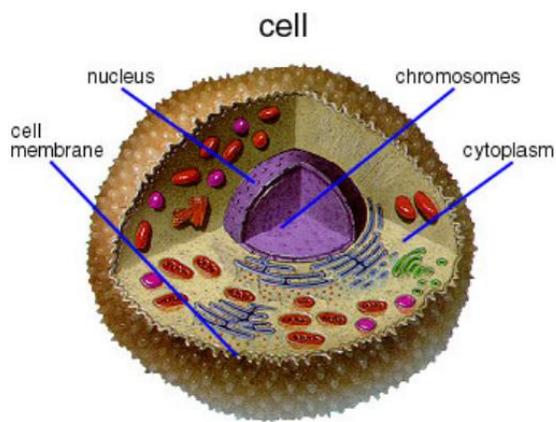


Figura 14 - A célula e seu núcleo (GOOGLE, 2012).

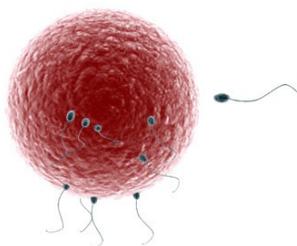


Figura 15 - O óvulo humano (GOOGLE, 2012).

4.2 O Círculo e a Mandala

Nas frias estepes da Ásia, os nômades, quando acampavam, sentavam em círculo ao redor da fogueira, para que todos pudessem compartilhar de maneira igual do calor que se irradiava. *“Concentrado em si mesmo, sem princípio nem fim, realizado, o círculo é o signo absoluto”*(CHEVALIER e GHEERBRANT, 1990).

Jung observava o tema dos círculos, simbolizando as etapas do processo de individuação, nos sonhos de seus pacientes. (JUNG,1969). Nise da Silveira constatava na expressão artística dos pacientes esquizofrênicos do Hospital Pedro II, através de pinturas e desenhos espontâneos, a recorrência de figuras circulares (mandalas), que, segundo observava, iam ficando mais perfeita, menos cindida, a medida que seus pacientes saíam de crises e melhoravam seu estado geral. (Silveira, 2006).

A Natureza se processa e evolui na medida da equilíbrio e gradual união de seus opostos. O círculo e o quadrado são os opostos que se equilibram e se complementam na figura da mandala, que significa círculo em sânscrito. Jung percebeu que essas expressões, através de pinturas, desenhos, modelos esculpidos ou danças, quando impregnados de forte significado subjetivo, surgem de maneira espontânea nos sonhos, na imaginação, em alguns estados conflitantes e na esquizofrenia. Mandalas aparecem desde épocas remotas, em cultos tribais primitivos, no budismo tibetano, nos mosteiros dervixes, nos contos de fada de todas as culturas e na simbologia da alquimia. (JUNG, 1969). Essa figura geométrica que se organiza basicamente ao redor do círculo, ou do quadrado, destinava-se a amplas práticas religiosas e ferramenta para meditação. O que a mandala indica de maneira geral, está explicitado compreensivamente em verbete no Dicionário Junguiano de Francesco Pieri, o que justifica sua plena transcrição (PIERI, 2005).

“A mandala indica de maneira geral”

1) “Uma figura circular esférica ou forma de ovo; 2) a figura circular formada por uma roda ou uma flor (freqüentemente uma rosa ou um lótus); 3) o centro representado pelo sol ou por uma estrela, ou então por uma cruz, com quatro, oito ou doze raios 4) a rotação de figuras circulares, esféricas, ou cruciformes; 5) o anel ou espiral que constitui uma serpente enrolada em torno de um centro (uróboro ou ovo òrfico); 6) uma quadratura do círculo (ou seja, o círculo em um quadrado ou vice ou vice-versa); 7) um castelo, uma cidade e um recinto, dispostos de modo tal a formar um círculo ou um quadrado. 8) a pupila e a e a íris de olho. Tais figuras diferentes Jung as entende como imagens do self (si-mesmo), através da quais a totalidade psíquica se exprime...” (PIERI, 2002, p.305).

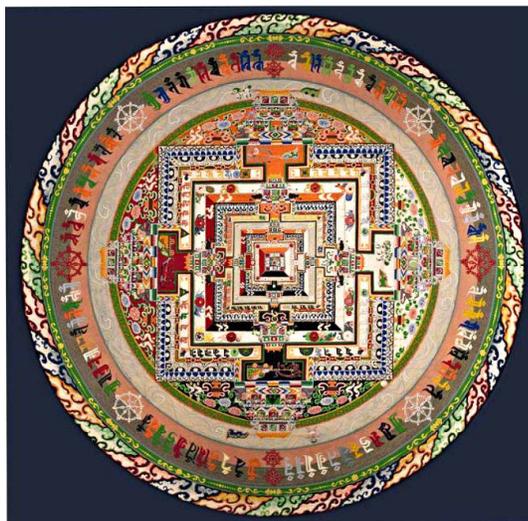


Figura 16 - Mandala de Areia Tibetana: Kalachakra (GOOGLE, 2012).

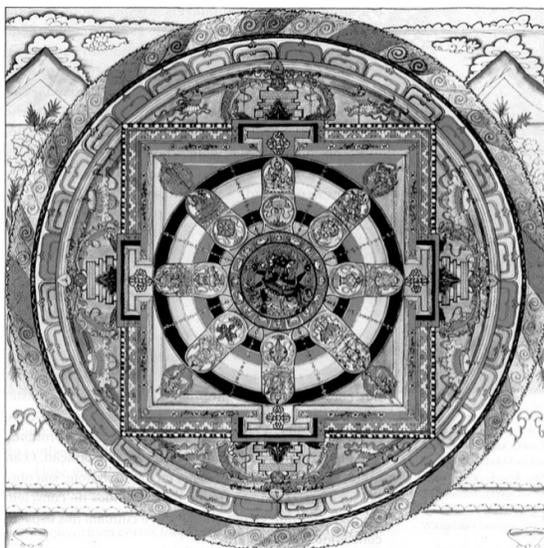


Figura 17 - Mandala Tibetana (Muhakala Yantra) (DOCZI, 1990, p. 251)



Figura 18, Figura 19 e Figura 20 - Imagens arquetípicas (Museu de Imagens do Inconsciente, RJ. Disponível em: www.psicodelia.org)

Na esquizofrenia e em estados alterados de consciência, imagens arquetípicas podem emergir na psique do ser humano.

4.3 A Mandala e a Cidade

A esfera e o círculo como símbolo do Self (o Si Mesmo), representavam para Jung, a totalidade da psique em todos os seus aspectos, inclusive a relação entre o homem e a natureza.

Desde os cultos solares das mais remotas civilizações, até as religiões contemporâneas, nos mitos e nos sonhos, nas mandalas dos monges tibetanos, nas ideias dos primeiros, astrônomos, ou nos traçados das cidades, este símbolo universal, sempre assinala o único aspecto mais vital da vida, seu complemento definitivo". (JUNG, 1969, Pag 243)

4.4 A Origem das Cidades e o Inconsciente Coletivo

O símbolo chinês yin-yang é uma imagem arquetípica da dualidade da existência.

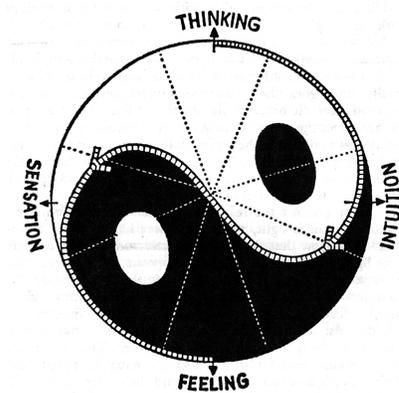


Figura 21 - As funções da consciência e suas polaridades, masculina e feminina, Yin-Yang, segundo C.G Jung (JACOBI, 1976, p;14)

O físico Niels Bohr colocou o símbolo da filosofia chinesa do Tao de Yin-Yand no centro do brasão que desenhou com o lema: contrários são complementares.



Figura 22- O brasão de Niels Bohr (Contraria Sunt Complementa, GOOGLE, 2012)

Para Herbert Bangs, é necessária uma mudança fundamental na atitude de cada arquiteto em relação ao equilíbrio e à harmonia do Yin-Yangna arquitetura e em todos aspectos da vida.

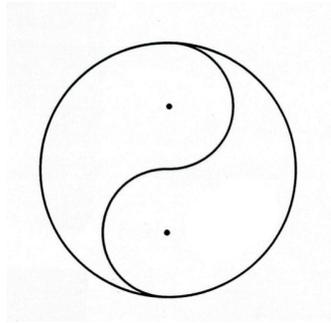


Figura 23 - Representação gráfica do Yin-Yang (BANGS, 2010, p. 169)

Quatro décadas depois de Bohr ter identificado no pensamento chinês, representado pelo símbolo Yin-Yang, seu conceito de complementaridade, um outro físico, Fritjof Capra, aborda o mesmo tema, fazendo um paralelo entre a física moderna e o pensamento oriental.

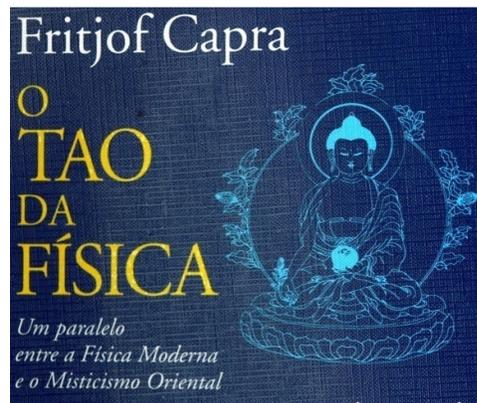


Figura 24 - Capa do livro: O Tao da Física. (CAPRA, 2008)

O diagrama do Yin-Yang representa a dualidade dentro da unidade. *“Representam simbolicamente as forças dinâmicas de luz e escuridão, ativo e passivo, sol e lua, fogo e água, masculino e feminino, caverna e clareira, quadrado e círculo, etc”* (BANGS, 2010). A natureza se manifesta em miríades de expressões, segundo formas de mandalas em padrões orgânicos como nas flores, margarida, girassol, lírio, flor de cardo, papoula e inorgânicos como nos flocos de neve. (DOCZI, 1990).

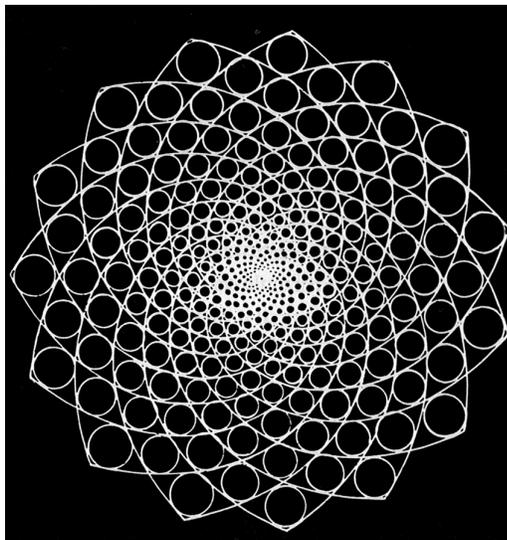


Figura 25 - Diagrama de uma Margarida (DOCZI, 1990, p. 1)

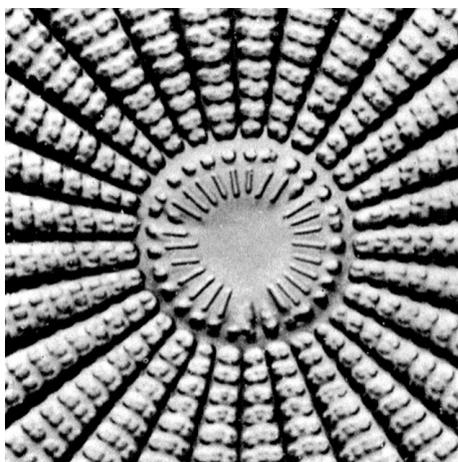


Figura 26 - Centro de diatomácea aumentado duas mil vezes (DOCZI, 1990, p. 133)

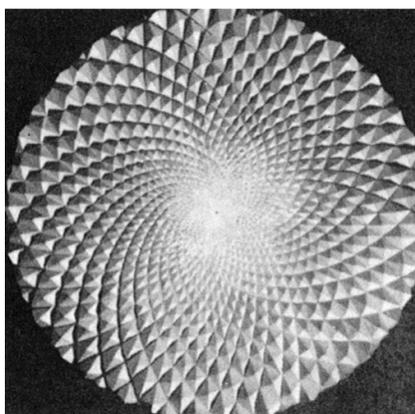


Figura 27 - Padrão das Sementes de Girasol (DOCZI 1990, p. 4)

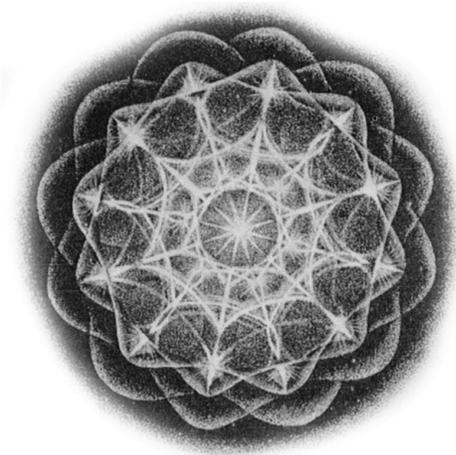


Figura 28 - Padrão de Mandala criado em líquido por vibrações harmônicas. (DOCZI 1990, p. 133)

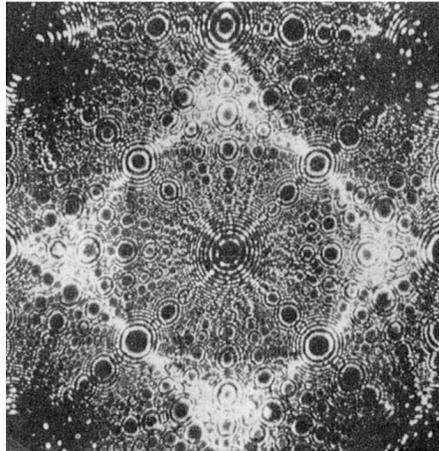


Figura 29 - Ponta de agulha de platina aumentada 750 mil vezes (DOCZI, 1990, p. 133)

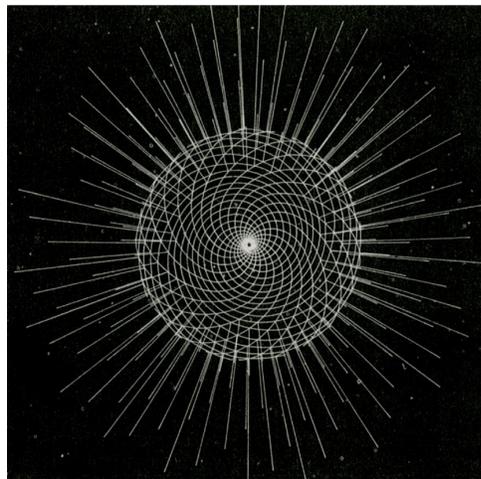


Figura 30 - Padrão de Mandala de uma Flor de Cardo (DOCZI, 1990, p. 132)

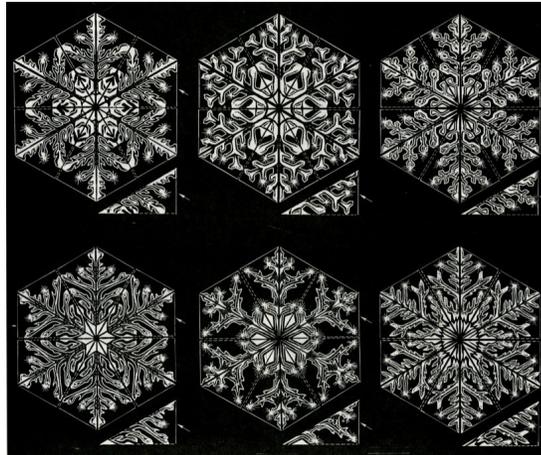


Figura 31 - Diagrama de Flocos de Neve (DOCZI, 1990, p. 78)

As mandalas são figuras geométricas que se organizam basicamente segundo círculos e/ou quadrados..

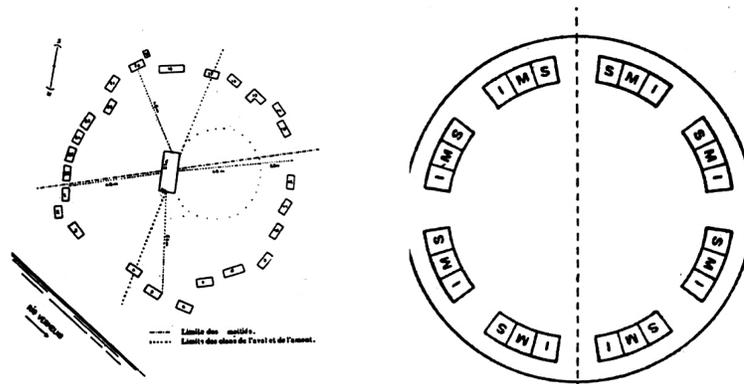


Figura 32 - A aldeia dos Bororos segundo C. Levi-Straus (RYKWERT, 2006, p. 205).

As tribos indígenas, os povos primitivos de uma maneira geral, organizavam suas aldeias em forma circular.

As mandalas indicam um centro representado pelo Sol, uma estrela ou uma cruz; uma quadratura do círculo, ou seja, o círculo em um quadrado ou vice-versa. (RYKWERT, 2006)

Em seu livro “*A Ideia de Cidade*”, Joseph Rykwert demonstra que as cidades etrusco-romanas eram originadas por traçados dos agrimensores, a partir de uma cruz.

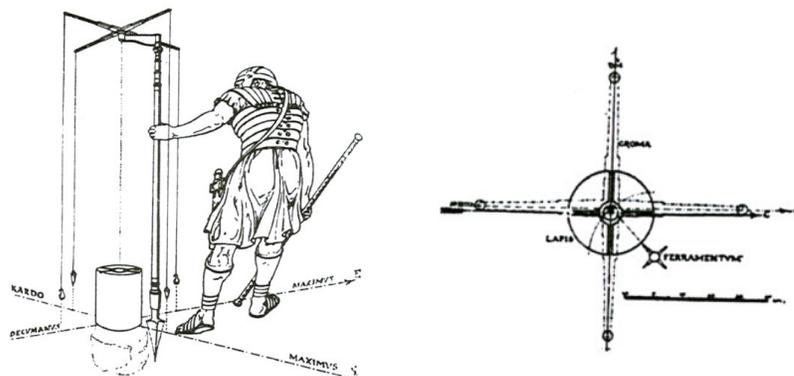


Figura 33 - O Agrimensor Romano em seu trabalho (RYKWERT, 2006, p. 42).



Figura 34 - Relevô: instrumentos do agrimensor romano (RYKWERT, 2006, p. 42)

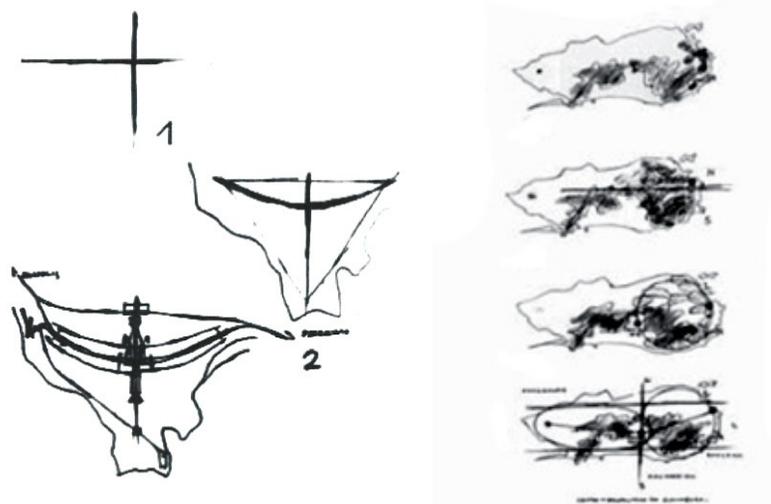


Figura 35 - Projeto de Brasília e da Barra da Tijuca Lucio Costa. (GOOGLE, 2012)

Os agrimensores romanos colocavam uma vareta de bronze vertical, no centro de um círculo. Verificavam a sombra projetada pela vareta, e, onde os dois pontos em que seus extremos tocavam a circunferência, antes e depois do meio-dia, eram estes pontos marcados e unidos por uma corda. Este era o procedimento inicial para que uma cruz fosse traçada como ponto de origem da cidade etrusco-romana. A cruz dava origem ao planejamento ortogonal dos agrimensores (ver **Figura 34**) que, segundo o autor, se baseavam em antigos manuscritos do “Corpus Agrimensorum”, uma coletânea de escritos sobre agrimensura. (RYKWERT, 2006). Como os arquétipos se perenizam no inconsciente coletivo, é oportuno lembrar que, modernamente, Lucio Costa iniciou o projeto de Brasília a partir de uma cruz traçada num papel em branco (ver **Figura 35**).

Numa introdução nesta mesma obra de Rykwert, Anat Falbell aponta os arquétipos do inconsciente coletivo como geradores de formas das cidades, e não princípios racionais, estes sim, como desenvolvimentos subsequentes após a origem das mesmas. Ele afirma que Rykwert confirmava por meio de estudos profundos e abrangentes de caráter arqueológico e antropológico que a fundação e a forma das cidades antigas do Ocidente “não eram fundamentadas em princípios funcionais ou utilitários, mas em uma visão cosmológica presente, como um fenômeno universal entre todos os povos.” (RYKWERT, 2006).

Rykwert estabeleceu analogias marcantes entre civilizações mediterrâneas no Oriente e nas tribos da África e das Américas, no que diz respeito à relação entre assentamentos e o cosmos. Isto indicava para Rykwert:

“... a existência de um modelo fundamental do pensamento humano enraizado na estrutura biológica do homem, e cuja essência estaria na reconciliação do indivíduo com o seu próprio destino”. (RYKWERT, 2006).

Ele entendia que o plano das cidades antigas e do chamado mundo primitivo era a representação da ambivalência do homem urbano como um indivíduo e como uma

personalidade social. (RYKWERT,2006). Anat Falbel em sua introdução ao livro de Rykwert, diz que o que o autor sugere,se alinha com a definição de Van Eyck, da cidade como: *“metáfora espacial da reconciliação da mente humana, ou do espaço feito à imagem do homem,no qual este pudesse reconhecer-se”*. (RYKWERT, 2006).

Para Rykwert, assim como para Carl G.Jung, toda forma de cidade apresentava um significado simbólico. Neste sentido, o arquétipo fundamental da psique situado no inconsciente coletivo, o Self , ou, o Si mesmo, o centro nuclear ordenador e, complementarmente, toda a totalidade psíquica do homem, tem no seu símbolo universal de expressão, a mandala, força portadora de energia psíquica,elemento estruturador da origem de formas das cidades. (JUNG 1969), Ainda, Anat Falbel nessa mesma vertente, afirma que “no mundo antigo descrito por J.P.Vernant, tanto a ortogonalidade do plano urbano de Hipódamo, para a cidade de Mileto, como o plano de Metão, para a cidade circular, narrada por Aristófanes, em *As Aves*, eram representações de um pensamento único sobre espaço físico, político e urbano, configurando *“as estreitas relações entre a organização do espaço social no quadro da cidade e a reorganização do espaço físico nas novas concepções cosmológicas”*. (RYKWERT, 2006).

Para Rykwert, esta agenda, colocada para a contemporaneidade, dizia respeito à eficácia da manipulação das estruturas física e estética da cidade moderna,que estariam desvinculadas dos significados simbólicos originais,que teriam sido transformados ou perdidos, com o aprofundamento de sua complexidade física e social. Ainda propõe o autor, em seu texto *“Meaning and Building”* (Rykwert 1950),que é necessário *“a recuperação do elemento inconsciente no homem e seus arquétipos,como critério de viabilidade do espaço como habitat.”* (RYKWERT 2006).

Anat Falbel cita R.Wittkower, que nesta mesma direção, interpreta o desenho das cidades pré-modernas, como a materialização de uma visão cosmológica, segundo os arquétipos, que permitiam a legitimação da cultura urbana. (RYKWERT 2006)

Ainda para Rykwert, *“perdemos todas as belas certezas de como o universo funciona, o que nos obrigará a buscar o sentido dentro de nós mesmos, na constituição e na estrutura do ser humano.”* (RYKWERT, 2006)

Fernando Diniz Moreira, aluno de Rykwert, na introdução do livro *“A Ideia da Cidade”* diz que o autor faz uma crítica aos urbanistas, que consideram a cidade, *“exclusivamente pela perspectiva da economia, da higiene, dos problemas de tráfego ou dos serviços.”* (RYKWERT 2006).

Segundo Diniz Moreira, Rykwert afirmava que:

“... as tessituras urbanas devem permitir aos seus habitantes, a qualquer tempo, ter uma clara leitura de sua cidade, entender suas camadas superpostas e situar-se em relação a seus concidadãos e a seus antepassados.” (RYKWERT, 2006)

Apoiado em diversos autores da era clássica, ele afirma que a fundação das cidades nem sempre obedecem a determinantes racionais, tais como: estratégias de defesa, controle de rotas, de comércio, motivos econômicos, etc. (RYKWERT 2006). Dedicando-se profundamente à cidade etrusco-romana ele descreve detalhadamente o conteúdo simbólico-ritualístico de fundação das mesmas:

“Começando pela escolha do seu local por meio dos exames dos augúrios, que incluíam o voo dos pássaros, o comportamento dos animais, o exame das vísceras dos animais, os trovões e outros sinais oriundos da natureza interpretados como mensagens divinas que referendavam ou não a escolha dos homens” (RYKWERT, 2006, p. 33).

Portanto, a fundação das cidades se constituía em experiências religiosas diretas de atuação dos arquétipos do inconsciente coletivo. Rykwert em seu estudo vai além do exemplo etrusco e romano e identifica analogias em outras sociedades

primitivas na África, como os Dogon e as tribos Bororó no Alto Xingu, no Brasil. Carl Gustav Jung já havia identificado a ocorrência dos arquétipos do inconsciente coletivo nas culturas e religiões de todas as civilizações conhecidas na Terra (JUNG, 1969).

Rykwert demonstra em seus estudos que, após o término das cerimônias de fundação, a comunidade continuava com os rituais no ato de arar a Terra ou demarcar os limites urbanos, e que havia um caráter sagrado atribuído às muralhas que protegem a cidade, às portas de acesso e aos fossos. Esses elementos, segundo ele, transcendiam a dimensão material, adquirindo caráter simbólico e preservando assim a unidade social e religiosa do povo. (RYKWERT 2006).

4.5 O Homem Moderno e a Cidade

Fernando Diniz Moreira conclui sua introdução ao livro de Rykwert afirmando que o que preocupa a este é a perda de uma atitude sacra diante do ambiente e do mundo, devido à razão iluminista e do progresso científico a partir do séc. XVIII. Moreira afirma ainda que, o que Rykwert sugere é que as pessoas só se sentem parte de uma comunidade se há uma correspondência entre seu cosmo e o mundo construído que a circunda (RYKWERT,2006).

A falta de uma visão sistêmica abrangente na cultura contemporânea, do homem como habitante de um planeta, de um sistema solar, pertencente a uma galáxia, enfim, sua realidade cosmológica, tem efeito desagregador sobre a maneira como se comporta socialmente e como se sente como habitante em sua cidade. A dimensão maior real, de ser humano que habita um Cosmos, ainda é inconsciente para a maioria. Moreira observa ainda que nos rituais analisados por Rykwert, o que fica em destaque é o tema da reconciliação *"entre o Cosmos e a Terra, o sacro e o mundano, a cidade e a natureza, os*

cidadãos e as suas instituições, e entre seus próprios cidadãos.” (RYKWERT,2006). É isso que na verdade preconiza Jung, quando descreve o processo de individuação do ser humano,na sua tarefa de tomar em suas mãos as rédeas de seu auto-aprimoramento,a tarefa de produzir o amadurecimento árduo e progressivo de sua personalidade mais abrangente, que sempre se dará pela união dos conteúdos opostos de sua psique.

Lewis Mumford mostra que nos agrupamentos humanos de caráter permanente mais arcaicos se encontram expressão de necessidades animais semelhantes às que se encontram em outras espécies. Entretanto a partir de um determinado momento histórico, se dá um salto qualitativo, uma ampliação de sua consciência que o destacará das outras espécies animais. Mumford, assim descreve esse momento:

“A primeira manifestação do homem como espécie no mais arcaico dos acampamentos é uma inquietação que não tem correspondência no reino animal: o sepultamento deliberado dos mortos, com evidências cada vez maiores de piedosa apreensão e temor. Os mortos foram os primeiros a ter uma morada permanente: uma caverna, uma cova assinalada por um monte de pedras, um túmulo coletivo. (MUNFORD, 2008, p. 15).

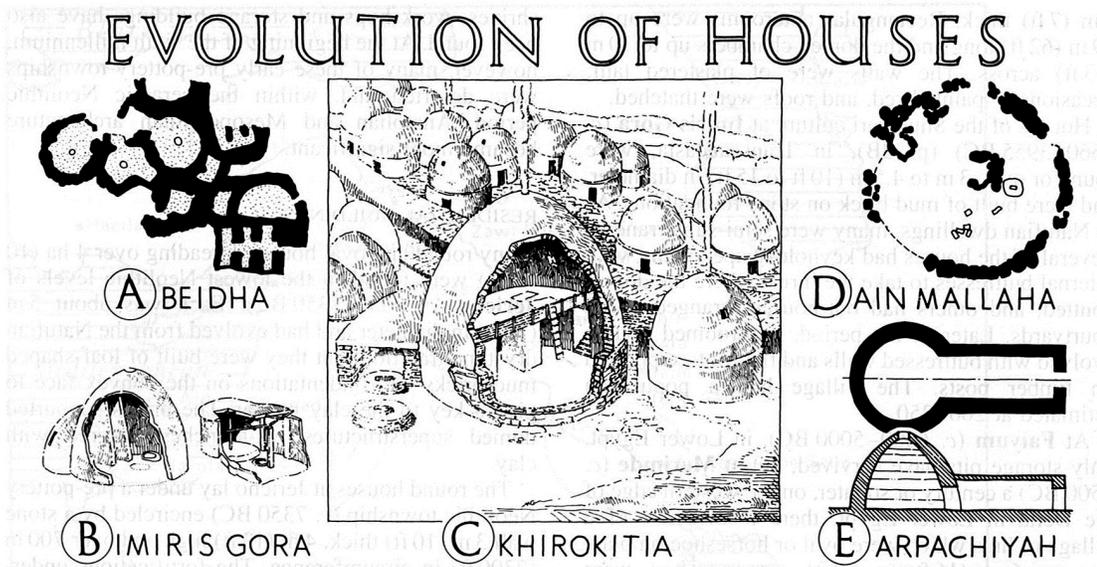


Figura 36 - Habitações Pré-históricas

BEIDHA c.7000-6000 AC; IMIRIS GORA c. 4660-3995 AC; KHIROKITIA c.5560 AC; AIN MALLAHA c.9000-8000 AC; ARPACHIYAH c.9000-8000 AC (FLETCHER, 2001, p. 213).

Para Arnold Toynbee, já o homem de Neanderthal praticava cerimônias fúnebres, “ao invés de apenas tratar os cadáveres dos mortos como lixo...”(TOYNBEE,1978) A cidade dos mortos é assim a primeira manifestação simbólica na história das cidades. Só uma manifestação do inconsciente mais profundo do homem poderia impulsionar a sua preocupação com o mistério da vida e da morte, e o conseqüente sepultamento de seus mortos em sítios escolhidos. Portanto, a fundação mais primitiva da cidade, a Necrópole, em sua mais remota origem não tinha qualquer fim utilitarista.

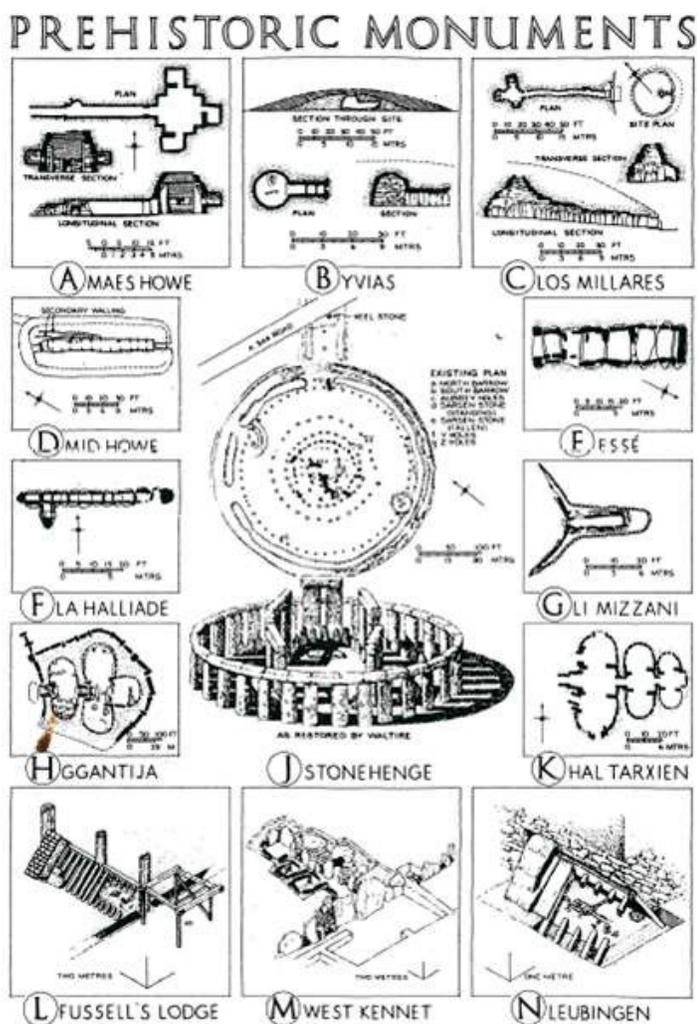


Figura 37 - Monumentos Pré-históricos (FLETCHER, 2001, p. 216).

No final de sua magistral obra “Espacio, Tiempo y Arquitectura”, Sigfried Giedion (GIEDION, 2009) fala sobre a influência do sentimento, e como este fator determinante ainda é considerado com depreciação. Ele diz:

“El caos de nuestras ciudades, ..., no puede ser explicado tan solo por las condiciones sociales y económicas Las acciones son puestas en marcha mediante impulsos sociales y económicos, pero cada acto humano se halla influido, y inconscientemente plasmado por un ambiente emocional específico. Lo mismo ocurre con la política y el gobierno. En la base de cada sistema político se hallan individuos cuyas acciones reflejan su preparación intelectual y emotiva. En el momento en que se produce una escisión, el núcleo interno de la personalidad queda separado por una diferencia de nivel entre los métodos del pensar y los del sentir. Su resultado es el símbolo de nuestro tiempo: El hombre disociado, inadaptado. (GIEDION, 2009, p. 788 e 789)

É com esta mesma clareza que Jung, descrevendo os terríveis acontecimentos que abalaram o mundo a partir da 1ª, e em seguida, da 2ª. Guerra mundial, diz:

“Coisas que ninguém poderia imaginar na idílica inocência do primeiro decênio do séc XX, ocorreram e transtornaram a humanidade. Desde então o mundo permanece em estado de esquizofrenia. O homem moderno não compreendeu até que ponto seu racionalismo exacerbado o fez perder seus valores espirituais a um grau bastante perigoso. Suas tradições éticas e espirituais se desintegraram e, por isso, o homem, agora paga o preço desta ruptura em desorientação estendidas por todo o mundo”. (JUNG, 1969, Pag 120)

Marie Louise Von Franz, uma das mais importantes colaboradoras de Jung, descreve um antigo mito indiano em que Brahma, no centro de um gigantesco lótus de mil pétalas dirigiu o olhar para os quatro pontos cardeais. Esta visão quádrupla, a partir do círculo da gigantesca flor de lótus, *“foi uma orientação preliminar, uma tomada de posição indispensável, antes de começar sua obra criadora”*. (JUNG, 1969)

Para Franz, o mito de Brahma é um símbolo da necessidade de orientação humana, onde se incluem a orientação psíquica e física. Também a mandala representa um papel importante na planta de edifícios seculares e sagrados em quase todas as civilizações e na mesma proporção, na urbanização clássica, medieval e moderna, *“que muitas vezes passa despercebida por um olhar menos atento”*. (JUNG, 1969)

Marie- Louise Von Franz, corretamente assinala que várias cidades medievais foram fundadas segundo planos de mandala e foram cercadas com muralhas aproximadamente circulares, "e que, nessas cidades, duas artérias principais a dividem em quatro e conduzem para as quatro portas de acesso. As igrejas e as catedrais se acham no ponto de intercessão dessas duas artérias". (JUNG, 1969)

Por outro lado, Franz observa que as planta em forma de mandala "não se restringem ao passado remoto", citando os exemplos de Washington DC, e Paris (JUNG, 1969). Os exemplos são inúmeros, tanto no urbanismo como na arquitetura (ver **Figuras 40, 41, 43, 44, 45,46, 47, 48,49, 50, 51,52,53**).



Figura 38 - Planta urbanística de Washington, DC (WIKIPÉDIA, 2012).

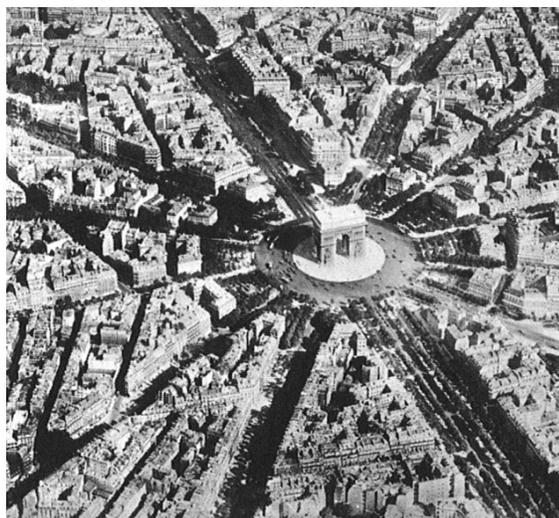


Figura 39 - Paris, França (JUNG, 1969, p. 243)



Figura 40 – Palmanova, Itália (JUNG, 1969, p. 243).



Figura 41 – Planta Urbanística de Goiânia, Brasil (GOOGLE, 2012).



Figura 42- Cidade de Erechim, RS, Brasil (GOOGLE, 2012)

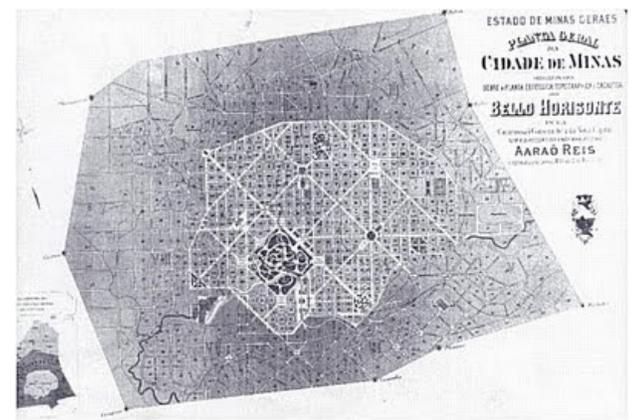


Figura 43 - Planta Urbanística de Belo Horizonte, Brasil (Google)

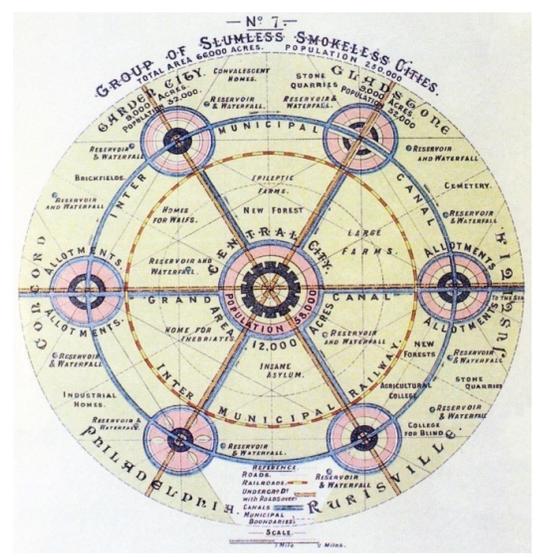


Figura 44 - A Cidade Jardim de Ebenezer Howard (GOOGLE, 2012).

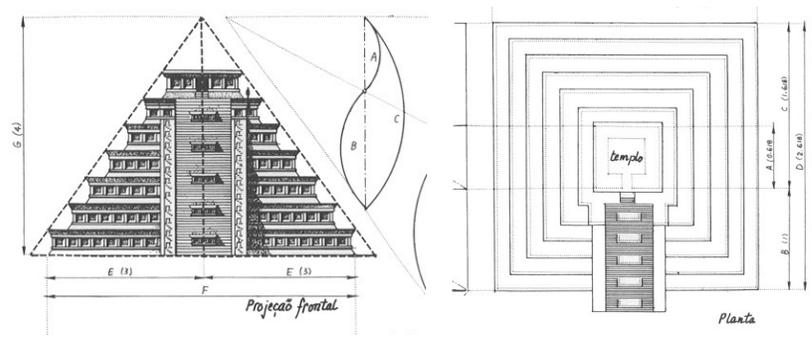


Figura 45 - Pirâmide Pré-Colombiana El Tajin (DOCZI, 1990, p. 43)

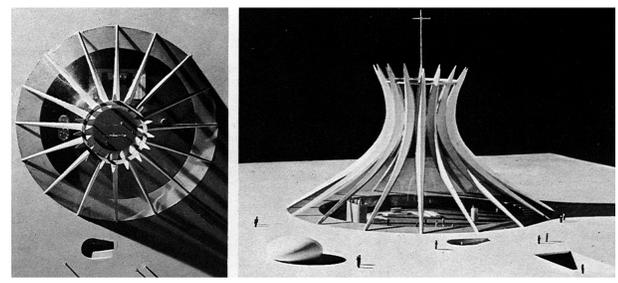


Figura 46 - Catedral de Brasília, Oscar Niemeyer (JUNG, 1969, p. 213)

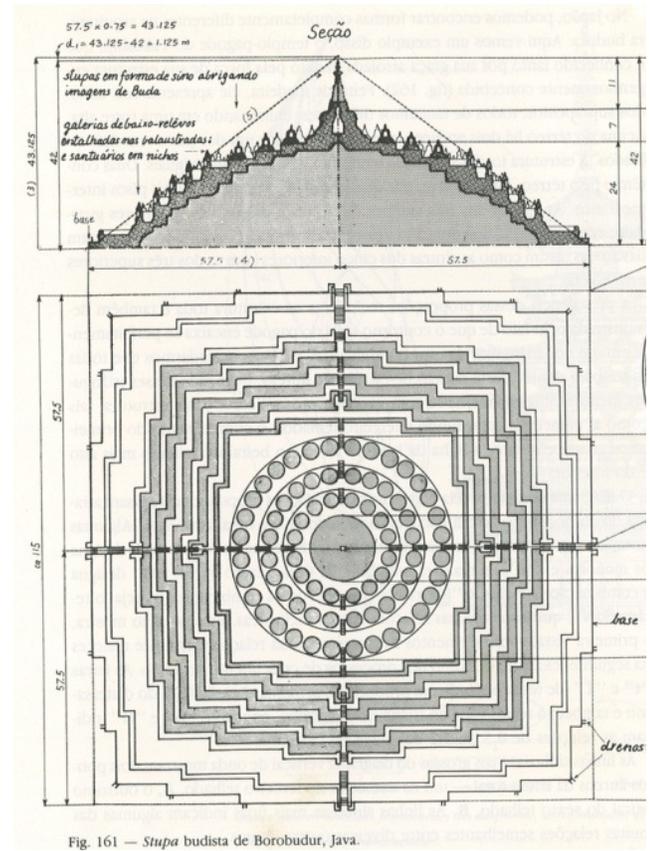
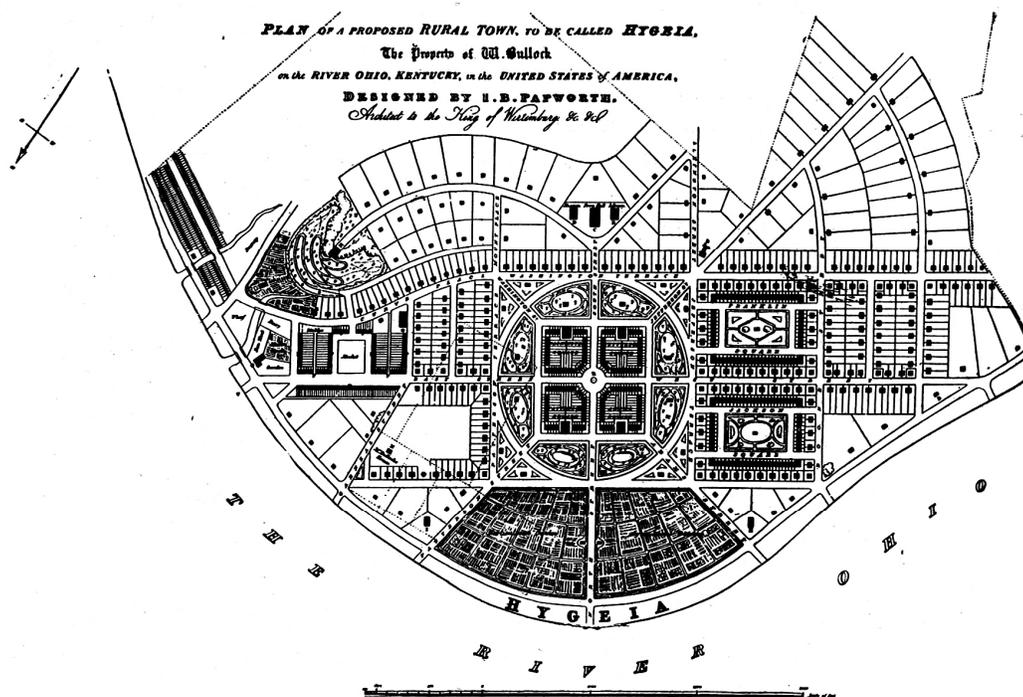


Fig. 161 — Stupa budista de Borobudur, Java.

Figura 47 - Stupa Budista, Java (DOCZI, 1990, p. 115)



Figura 48 - O Capitólio, Roma de Michelangelo (GIEDION, 2009, p. 96).



412. J. B. PAPWORTH, Esquema para «ciudad rural» sobre la orilla del río Ohio, «Hygeia», 1827.

Figura 49 - Esquema cidade rural, Ohio, USA (GIEDION, 2009, p.703).

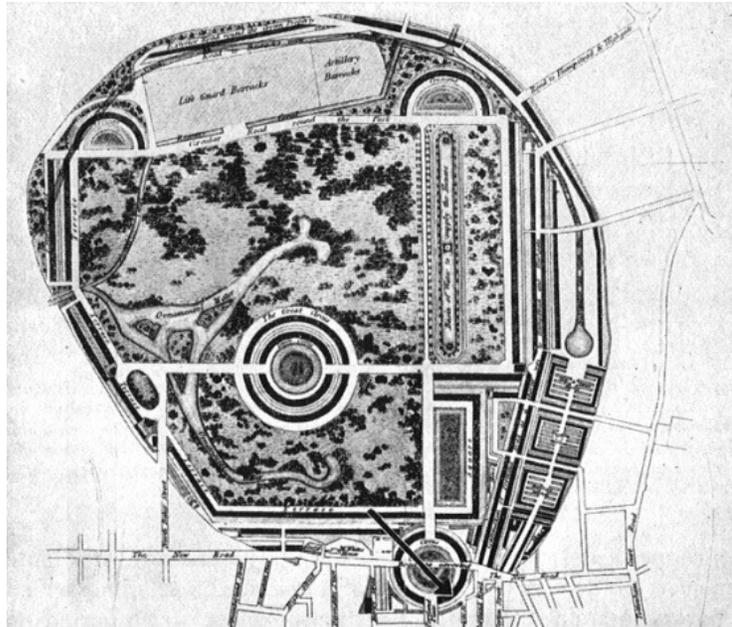


Figura 50 - Juan Nash Projeto Urbanístico do Regent's Park (GIEDION, 2009, p. 659)

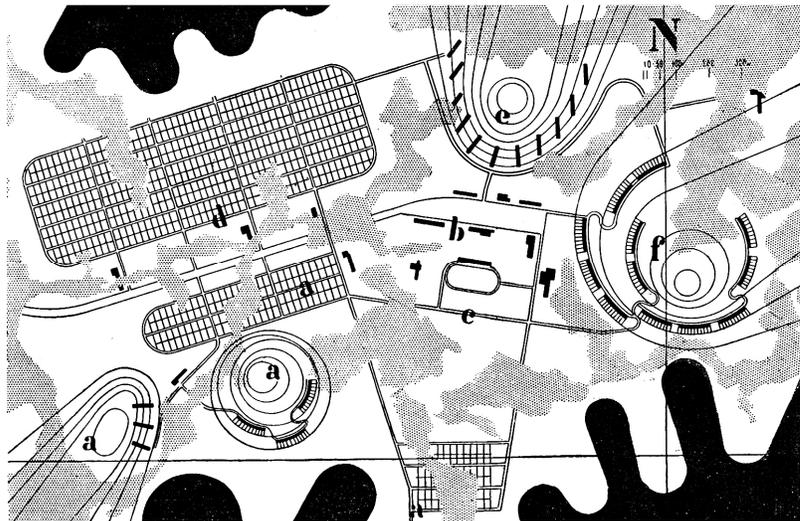


Figura 51 - Cidade experimental, Alvar Aalto, 1940 (GIEDION, 2009, p. 613)

Franz afirma o mesmo que Rykwert (RYKWERT, 2006): que as fundações urbanas clássicas ou primitivas, sob um plano de mandala, nunca foram fundadas por considerações estéticas ou econômicas, mas sim pela:

"...transformação da cidade em um cosmos ordenado, um lugar sagrado, vinculado por seu centro com o outro mundo. E essa transformação se harmoniza com os sentimentos vitais e as necessidades do homem..." (RYKWERT, 2006).

Franz, como Jung, afirmam que toda cidade ou edifício religioso ou circular, que tenham planta de mandala são projeções de uma imagem arquetípica que surgem do inconsciente coletivo humano e se concretizam no mundo exterior:

"A cidade, a fortaleza e o templo se convertem em símbolos do completamento psíquico e desse modo, exercem influência específica no ser humano que entra ou vive neles". (JUNG, 1969)

5 DESORDEM E HARMONIA NA CIDADE

É bem conhecida a experiência de psicologia social realizada, em 1969, na Universidade de Stanford (EUA): o Prof. Philip Zimbardo deixou dois automóveis idênticos, mesma marca, modelo e cor, abandonados na via pública. Um foi deixado numa zona pobre e conflituosa de Nova York, bairro do Bronx, e o outro numa zona rica e pacífica da Califórnia, Palo Alto.

O automóvel deixado no Bronx começou a ser vandalizado em poucas horas. O automóvel deixado em Palo Alto manteve-se intacto. Quando o automóvel do Bronx já estava destruído e o de Palo Alto intocado, os que conduziam a pesquisa partiram um vidro do automóvel de Palo Alto. O resultado foi que o roubo e o vandalismo destruíram o veículo tal qual havia ocorrido no bairro pobre de Bronx. (GOOGLE, 2012).

A conclusão dos investigadores é que o vidro partido num automóvel abandonado transmite uma ideia de deterioração, de desinteresse, de despreocupação que vai quebrar os códigos de convivência, bem como de ausência de lei, de normas, de regras. Cada novo ataque que o automóvel sofre reafirma e multiplica esta ideia.

Esta experiência demonstra também que de um ponto de vista criminalístico o delito é maior nas áreas onde a desordem, o descuido e a sujeira são maiores. (James Q. Wilson e George Kelling, GOOGLE, 2012)

Se em qualquer comunidade, sinais de deterioração ocorrem e este fato parece não importar a ninguém, ali se gerará o delito. Se pequena falta como estacionar em lugar proibido é cometida e não são punidas, surgem, então, faltas maiores e em seguida delitos graves. A impunidade faz com que atitudes violentas pareçam algo normal. O desenvolvimento das crianças neste contexto, será de maior violência quando estas se tornarem adultas.

A Teoria das Janelas Partidas foi aplicada pela primeira vez em meados da década de 80 no metrô de Nova York, que havia se convertido no ponto mais perigoso da cidade. Os resultados logo se evidenciaram. Iniciando-se a tarefa ordenadora pelo combate aos pequenos delitos, conseguiu-se fazer do metrô um lugar seguro.

Em nossa cidade, no Rio de Janeiro, quando o metrô foi inaugurado em 1979, se pôde ter de maneira espontânea a comprovação de que a beleza, a ordem e o funcionamento adequado de qualquer sistema ou equipamento urbano é a mais decisiva ferramenta para a educação do cidadão. Elas evocam o que o indivíduo tem de melhor em si e isto começa a se exteriorizar, individual e coletivamente, em prol da harmonia urbana.

Naquela ocasião todos temiam pelo destino futuro das estações recém-inauguradas e das composições “novinhas em folha.” Isto porque os usuários da antiga ferrovia Central do Brasil, com seus constantes atrasos e péssimo serviço, reagiam com a depredação sistemática dos trens que circulavam pelos bairros dos subúrbios. Eles também seriam usuários do metrô. Foi grande a surpresa de todos, quando testemunharam, com que ordem e respeitabilidade se comportavam aqueles mesmos usuários da Central do Brasil quando embarcavam no metrô.

Para C. G. Jung, como também sabemos, não temos apenas lados bons e luminosos, mas também traços obscuros de caráter e personalidade, geralmente inconscientes para o indivíduo. Esse lado obscuro é que Jung denominou de “Sombra”, onde, segundo ele, não estão apenas as pequenas fraquezas e defeitos, mas porções inferiores da personalidade, cujas camadas mais densas “não se podem distinguir da pulsionalidade de um animal”.(JUNG,1969).

Quer se habite em Palo Alto ou no Bronx, no reduto do inconsciente de cada cidadão, está, segundo Jung, o conteúdo sombrio sempre pronto a se exteriorizar e dominar a consciência do indivíduo, fazendo com que pratique atos antissociais. Basta que encontre condições externas que o façam emergir a consciência.

A ordem, a organização e a beleza nos sistemas e equipamentos urbanos, neutralizariam estas manifestações desarmônicas, antissociais e destrutivas.

O belo e o funcional, também, progressivamente, se fazem introjetar na psique do cidadão, estabelecendo um processo pedagógico inconsciente e gradual, fazendo com que os aspectos sombrios, sejam, por um processo natural, enfraquecidos pela contemplação deste belo e do seu adequado uso. Neste processo, geralmente imperceptível de imediato, a harmonia e a funcionalidade circundantes no contexto urbano, vão fazendo com que o indivíduo, no final de certo período, se torne um melhor cidadão.

6 CONCLUSÃO

O Programa de Engenharia Urbana não visa uma abordagem setorial da engenharia, mas sim contribuir para agregá-la ao vasto conjunto do saber já sedimentado pelas demais áreas. Esta abordagem sistêmica é urgente e necessária, já que as soluções técnicas empregadas no planejamento e ordenação das cidades raramente tem o cidadão e suas necessidades como escopo principal. Nas metrópoles brasileiras, praticamente só resta remediar o que a falta de planejamento legou para os presentes gerações.

Se o fenômeno humano não for considerado indissociável do fenômeno urbano, nos pequenos municípios, onde muita coisa ainda pode ser feita, ordem e harmonia não estarão presentes, requisitos que deverão ser observados na elaboração do Plano Diretor.

Para Carl Gustav Jung, se o indivíduo cidadão não for a figura central de qualquer atividade da sociedade, esta estará fadada ao fracasso a médio ou a longo prazo. Jung afirmava que tudo que o homem construiu e constrói na superfície do planeta, passa primeiro por sua instância psíquica. No ser humano, o consciente, em gradações e amplitudes diversas o orienta racionalmente e dinamiza seu corpo físico nas produções concretas, enquanto que o inconsciente, determina atitudes, pensamentos e emoções oriundas de fontes pessoais e profundas de si mesmo, das quais ele mesmo não tem qualquer notícia. Estas fontes profundas, como já foi visto, determinam também formas e símbolos na cidade. Este inconsciente, que, segundo Jung, nos seus estratos mais profundos é arcaico, e vem se constituindo desde tempos imemoriais, está presente em todos os seres humanos. É o inconsciente coletivo. O inconsciente pessoal é ainda,

segundo Jung, um prolongamento deste, mas qualitativamente e inteiramente diferenciado.

A Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung é a única que estabeleceu interconectividade com o estado da arte na Física. Jung e Pauli, trabalhando intimamente estabeleceram vínculos convincentes entre a Psicologia Analítica e a Física.

É neste sentido e direção que a presente monografia se alinha ao focar a interconectividade entre Psicologia e Física, psique e cidade, e fenômeno humano e fenômeno urbano.

Se o homem é o criador da cidade, o fenômeno humano é indissociável do fenômeno urbano.

Este estudo sistêmico, abrangente, que inclui matéria e psique, ainda está nos seus primórdios e somente sugere certas direções nas quais poderão ir as investigações futuras. É importante notar, entretanto, como as intuições neste sentido, oriundas das fontes mais diversas, corroboram a hipótese de uma inter-relação entre fenômenos físicos e psíquicos. Assim como o físico Pauli e o psiquiatra Jung propuseram, os filósofos Henri Bergson e William James, trataram de objeto de estudo semelhante. Numa carta endereçada a William James, de 15 de fevereiro de 1905, Bergson escreve:

*“Caro Confrade,
...não posso impedir-me de dar ao inconsciente um lugar de largo destaque, não somente na vida psicológica, mas ainda no universo em geral, uma vez que a existência da matéria me parece ser qualquer coisa do gênero de um estado psicológico não consciente.”* (BÉRGSON, 1974, pag 13)

No capítulo 1 da presente monografia foram apresentados alguns conceitos fundamentais da psicologia junguiana, com ênfase na explicitação dos arquétipos de uma maneira geral, até um maior detalhamento do arquétipo central, o Self (Si Mesmo), para Jung, o centro ordenador de toda a psique.

As referências históricas que balizaram a direção do pensamento junguiano, são mencionadas, bem como a constatação empírica de que no transcurso do tempo tem-se comprovado as teses principais do criador da Psicologia Analítica. Nesta perspectiva, a recorrência das imagens arquetípicas em todas as culturas humanas conhecidas tem estimulado pesquisas nos principais centros irradiadores de saberes contemporâneos. A relevância que a compreensão destes conceitos básicos podem trazer para os mais diversos campos do saber é enfatizada, bem como a sua universalidade como instrumento possibilitador da melhoria das condições psicossociais de qualquer cidadão, que sobre este tema se dedique.

O Processo de Individuação, espinha dorsal e principal objetivo de todo trabalho proposto por Jung em sua psicologia, é destacado nesse mesmo capítulo.

No Capítulo 2, intitulado Psicologia e Física a interconectividade explicitada pelos estudos feitos pelo físico Wolfgang Pauli, e Carl Gustav Jung é o enfoque central. As analogias entre estes dois saberes, fruto do trabalho desenvolvido por estes pesquisadores durante um período de 25 anos, são apresentadas. A ideia básica é que existiria uma realidade pré-física e pré-psíquica, origem única das duas.

A Mandala, que para Jung é o símbolo universal do arquétipo do Self, o centro ordenador da psique do homem, e sua influência na cultura universal é desenvolvida no capítulo 3 denominado A Mandala, o Símbolo Universal do Self e sua Influência na Origem da Forma nas Cidades. Nesse capítulo é destacado, como na origem do traçado e das formas da cidade, os arquétipos do inconsciente coletivo tem ação tão decisiva quanto à economia, à higiene, a mobilidade e a defesa. Foram tomados como principais referências os autores: Carl Gustav Jung, Joseph Rykwert, Lewis Mumford e Arnold Toynbee.

No capítulo 4, intitulado Desordem e Harmonia na Cidade é enfocada a experiência de psicologia social, realizada em 1969, na Universidade de Stanford, EUA, pelo professor Philip Zimbardo. Ali se constata como a ordem e harmonia urbanas evocam o que de melhor há, do ponto de vista ético, nos cidadãos, e na mesma proporção, como a disfunção e a desordem evocam o aspecto sombrio, antiético e na maioria das vezes, inconsciente nos indivíduos.

Um aprofundamento na pesquisa dos temas abordados na presente monografia podem ser realizados, de um lado, pelo estudo do livro “A Natureza da Psique”, escrito por Wolfgang Pauli e Carl Gustav Jung, e de outro pela troca de cartas entre William James e Bergson sobre a questão da inter-relação entre fenômenos físicos e psíquicos. Recomenda-se, outrossim, o estudo das influências do filósofo William James, fundador do Pragmatismo e de uma teologia viva, nos trabalhos do Prêmio Nobel de Física, Niels Bohr, um dos fundadores da Física Quântica.

Toda esta teia de intercomunicabilidade de saberes deverá ser rebatida para o fenômeno urbano-humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANGS, Herbert. **O retorno da arquitetura sagrada**. Ed. Pensamento: 2010.
- BÉRGSON, Henri. **Cartas, conferências e outros escritos**. Os Pensadores, Ed. Victor Civita: 1974.
- CAPRA, Fritjof. **O Tao da Física**. Ed. Cultrix: 2008.
- CHEVALIER, Gheerbrant. **Dicionário de Símbolos**. Ed. José Olympio: 1990.
- DOCZI, György. **O poder dos limites**. Ed. Mercuryo: 1990.
- FLETCHER, Sir Banister. **A history of the Achitecture**. Ed. Butterworth-Heinemann: 2001.
- FORDHAM, Frieda. **Introdução à Psicologia de Jung**. Ed. Verbo,: 1978.
- FÜLÖP-MILLER, René. **Os Santos que abalam o mundo**. Ed. José Olympio: 2006.
- GIEDION, Sigfried. **Espacio, tiempo y Arquictetura**. Editorial Reverté: 2009.
- HALL, Calvin. **Primer Jung: Psychology**. Ed. Mentor Boot: 1973
- HARK, Helmut. **Léxico dos conceitos junguianos fundamentais**. Ed. Loyola: 2000.
- HEISENBERG, Werner. **A Parte e o todo**. Ed. Contraponto: 2008.
- HUXLEY, Aldous. **A Filosofia perene**. Ed. Globo: 2010.
- JACOBI, Jolande. **The Psychology of C.G. Jung**. Ed. Yale University Pres: 1976.
- JUNG, C. G.. **El hombre y sus símbolos**. Ed. Aguílar: 1969.
- MUMFORD, Lewis. **A cidade na história**. Ed. Martins Fontes: 2008.
- NETO, José T. **O Mito de Hércules hoje-hora de crescer interiormente**. Ed. Pensamento: 2003.
- NEUMANN, Erich. **Historia da origem da consciência**. Ed. Cultrix: 1995.
- PESSOA, Osvaldo. **Conceitos de Física Quântica**. Ed. Livraria Física: 2003.
- PIERI, Paolo Francesco. **Dicionário Junguiano**. Ed. Paulus: 2002.
- PLOTINO. **Enéadas**. Ed. Polar Editorial e Comercial: 2000.
- RIDPATH, Ian. **Astronomia**. Ed. Zahar: 2007.
- RIKWERT, Joseph. **A ideia de cidade**. Ed. Perspectiva: 2006.

SCIENTIFIC AMERICAN. *Os Quânticos. Gênios da Ciência Brasil*: 2008.

SILVEIRA, Nise da. **Jung: vida e obra**. Ed. Paz e Terra: 2006.

TOYNBEE, Arnold. **A humanidade e a mãe terra**. Ed. Guanabara: 1987.

XAVIER, César Rey. **A permuta dos sábios**. Ed. Annablume: 2003.